

REPORTER

Rio, setembro de 1978 — NÚMERO 10 — Cr\$ 10

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

ultralar & Bonzão ROUBAM À PRESTAÇÃO

P. 18 e 19

DELEGADO ACOBERTA ASSASSINO

P. 4 e 5

SALÁRIO MÍNIMO É
Cr\$ 10.000,00

P. 3

Sumiu o
ouro pro
bem do Brasil

P. 12 a 15

LEIA

O Instituto Verificador de Circulação (IVC), que acompanha a distribuição de jornais e revistas em todo o país, mostrou com clareza os motivos do governo ao manter as emissoras de rádio e televisão sob censura. Como se sabe, apenas na imprensa escrita existem as greves dos trabalhadores, o movimento do custo de vida, a violência policial, a corrupção e outros assuntos terminantemente proibidos nos Jornais Nacionais da vida.

Segundo o IVC, uma notícia divulgada na televisão pode atingir 60 milhões de brasileiros. No rádio, a mesma notícia seria ouvida por 85 milhões. Imprensa em revistas e jornais, entretanto, ela só atinge 20 milhões de pessoas. Tomando-se por base estes números, percebe-se que a imprensa escrita brasileira tem público muito reduzido, em comparação com a população do país. Para que um quinto do Brasil saiba determinada novidade, é preciso que todos os jornais e revistas a divulguem. Como isto é mais difícil de acontecer do que passar um camelo pelo buraco da agulha, o governo pode ficar tranqüilo na campanha de liberalização da imprensa escrita, pois não há muito que temer. Até pelo contrário, pois quando algum jornal, grande ou nanico, denuncia alguma arbitrariedade, é ele, e não a autoridade denunciada, quem tem de se preocupar. Exemplos claros são as invasões aos jornais nanicos, as bombas nas redações, as prisões de jornalistas, fatos que nunca são esclarecidos a contento pelas autoridades.

Dáí achamos que se o governo descansa sobre o fim da censura prévia, devemos aproveitar este fato. Você que acompanhou até esta linha nosso raciocínio deve incentivar todas as pessoas que puder a lerem mais jornais e revistas, a se informarem melhor para poderem entender por que o governo não deixa o rádio e a televisão cumprirem sua missão primeira, que é a informação ao ouvinte e telespectador.



Dia 15 de novembro vote em quem quer democracia mesmo

Falam em golpes, contra-golpes, eleições, reformas e democracia rápida e rasteira, já alardeada até pelo candidato-padrão, João Batista Figueiredo. De papo, estamos até o pescoço: ou a gente começa a pensar e agir com democracia mesmo na cabeça ou continuamos apenas a lembrar dela, tal qual vem sendo feito há 14 anos.

Falando nisso (aliás é por isso que estamos falando), é bom saber que vem eleição por aí. A primeira, de proveta, é no dia 15 de outubro, pra escolher o nosso novo presidente. Dos militares, o Euler é melhor que o Figueiredo mas, para escolher um dos dois, o povo não tem candidato, porque não vota.

Em 15 de novembro, sim, vamos ter oportunidade pra apoiar quem está a favor da democracia e botar pra correr quem só lembra dela em discurso. Aí, não se esqueça: vote nos candidatos da oposição que defendem o fim do arrocho salarial e liberdade de organização política e sindical pra todos os trabalhadores brasileiros.

ACIMA DE TUDO NAZISTA



A pichação, que significa "Alemanha Acima de Tudo" (lema nazista) apareceu nos muros de Porto Alegre, motivando apreensão do ministro Armando Falcão, que mandou investigar. Já a frase "Acima de tudo brasileiro" não precisa de investigação. Pelo contrário, está em todo Brasil, via Embratel.

REPORTER

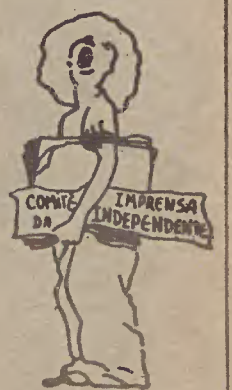


REPORTERES/EDITORES — Luiz Alberto Bettencourt, Luiz Augusto Gollo, Chico Júnior, Alex Solnik (São Paulo), Analuce Estrella (Arte).
SECRETÁRIO DE REDAÇÃO — Toninho Martins Vaz.
REPORTAGEM — Tim Lopes, Eduardo Homem (Recife), Marcos Dantas, Maria Teresa Bustamante, Clarice Niskier, Tânia Celidônio, Raquel Moreno, João de Barros, Eduardo Serra, Martha Baptista, Luis Fernando Rodrigues, Elizabeth Buarque, Maria Helena Allan, Rivaldo Chinen, Bernardo Pellegrini, Vera Lúcia Dias, Maria Emília Alencar, Ronaldo Herdy, Mauro Ferreira, Ramona Ordoñez.
CORRESPONDENTES — Paulo D'Alcântara (Paris), Cristina Duarte (Milão).
FOTOGRAFIA — Hélio Campos Mello, Camila Butcher, Jesus Carlos, Juca Martins, Eliana Pastore, João Bittar, Wagner Avancini, Lula Feijó, Chiquito Chaves, Ricardo Malta, Ricardo

Gonçales, Luiz Bittar, Custódio Coimbra, Leonardo Neri, Nair Benedicto.
ILUSTRAÇÃO — Jaime Leão, Angelli, Jota, Alcy, Guidacci.
ARTE — Pipsi, Maurício Veneza.

REPORTER Autônomo Independente — Un. publicação da Margem Editora e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11º andar. Rio de Janeiro.
São Paulo: Rua Jaguaribe, 25/3º andar, conjunto, 31, CEP 01224. Tel: 222-3103.
Diretor: César Arruda Castanho.
Recife: (Representante) — Editora Alternativa. Rua Conde de Boa Vista, 50/sala 30.
Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907. Rio de Janeiro.
Impressão e composição — Editora Mory. Rua do Resende, 65. Telefone: 263-7002 (PABX). Rio de Janeiro.

REPORTER integra o Comitê da Imprensa independente



Vara de Registro Público — Aut. 4456

ESTUDO DE SINDICATO DEMONSTRA

Mínimo tem que ser mais de 10 mil

A produção econômica do país cresceu mais de 3 vezes entre 1940 e 1977. Para acompanhar esse crescimento e ainda cobrir a inflação dos últimos 38 anos, o salário mínimo do trabalhador brasileiro deveria ser, hoje, Cr\$ 10.051,12. Só pra acompanhar o custo de vida, sem receber sua parcela do desenvolvimento econômico das últimas décadas, o salário estaria hoje em Cr\$ 3.544,10. As contas foram feitas pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-econômicos (Dieese).

Seus cálculos mostram que os governos no Brasil, nunca protegeram o salário mínimo da inflação e muito menos lhe deram alguma parte dos au-

mentos de produção. Para poder comprar a ração mínima de comida prevista na lei que criou o salário mínimo, os 5 milhões de trabalhadores brasileiros que vivem apenas com ele, teriam que trabalhar 2 meses por mês. Para se vestir, morar e pagar transporte, eles teriam que trabalhar 4 meses em 1 só.

Como salário mínimo é referência para muitos preços e salários, as autoridades sempre tiveram interesse em mantê-lo baixo porque, assim, todos os outros não poderiam crescer muito. Nos Estados Unidos, por exemplo, o mínimo pago aos empregados é de Cr\$ 12.720,00, coisa que, no Brasil só ganham alguns operários qualificados das indústrias mais modernas.

O salário mínimo do trabalhador brasileiro deveria ser de Cr\$ 10.051,12. Isso, se ele tivesse sido reajustado de acordo com o custo de vida e com o desenvolvimento do país cuja economia cresceu 318 por cento entre 1940 e 1977.

O salário, entretanto, ficou parado (este ano em Cr\$ 1.563,00 na região centro-sul) enquanto a produção da indústria e da agricultura e os resultados do comércio externo mais que triplicavam nos últimos 38 anos.

As contas do Dieese provam que o sistema econômico adotado no país e a política salarial prejudicaram o trabalhador e beneficiaram as empresas. A situação do salário mínimo piorou a partir de 1964 e tornou-se crítica a partir de 1974 quando ele podia comprar a metade das coisas que comprava há quase 40 anos.

Para o salário mínimo ter, hoje o poder aquisitivo que tinha em 1940, ele deveria ser igual a Cr\$ 3.544,10. O Dieese mostra, entretanto, que o desenvolvimento não beneficiou o

Não dá pra nada desde 1940

O salário mínimo foi instituído no Brasil em 1940 como resultado de uma lei aprovada em 1938. Quando ele foi criado decidiu-se que teria vigência por 3 anos — inflação na época crescia menos do que agora — mas seria corrigido antes, se o governo visse que o trabalhador estava perdendo poder aquisitivo. O primeiro aumento, porém, demorou 3 anos mesmo e quando veio em julho de 1943, a inflação já o tinha comido inteiramente: o salário foi aumentado em 25 por cento e o custo de vida já tinha encarecido mais de 45 por cento.

Como o aumento era muito pequeno e insuficiente, os sindicatos iniciaram uma campanha para que o governo reajustasse de novo o salário para recompor seu poder de compra. Em dezembro de 43, eles conseguiram mais 30 por cento. Com isso o salário mínimo, nesse ano, cresceu mais do que o custo de vida e até mesmo mais do que a produção da economia.

A partir de 1944, a situação, entretanto, piorou. O salário mínimo foi congelado e voltou a ser reajustado somente em 1952, como presente de Natal do governo. Até 1962 ele foi reajustado quase que a cada 2 anos e meio.

De 1960 em diante o salário passou a ser reajustado anualmente.

A perda do poder do salário atingiu ponto mais alto em 74 levando o governo a medidas de emergência: deu um abono de 10%, pediu para não se usar mais o salário mínimo como referência para outros aumentos, como aluguéis, empréstimos, etc., e prometeu que, a partir daquele ano, o governo daria aumentos reais de salário, isto é, aumentaria o mínimo sempre acima da inflação.

A melhora foi pouca, porém. Em 1974, o salário mínimo tinha apenas 54 por cento do seu valor de 1940 e em 1977, 59 por cento.

Cr\$ 900 SÓ PRA

1 PESSOA COMER

A ração alimentar mínima pra uma família se alimentar durante 1 mês é a seguinte, segundo a lei que criou o salário mínimo em 1938: 6 quilos de carne, 7 litros e meio de leite, 3 quilos de arroz, 4 quilos e meio de

feijão, 1 quilo e meio de farinha de trigo, 6 quilos de batata, 9 quilos de tomate, 6 quilos de pão, 600 gramas de café em pó, 7 dúzias de bananas, 3 quilos de açúcar, 750 gramas de banha, 750 gramas de manteiga.

Pra comprar isso tudo, que na verdade só dá pra 1 pessoa por mês, o operário teria de gastar Cr\$ 900.

DECISÃO

É POLÍTICA

Não existe nenhuma fórmula para calcular o salário mínimo. Desde sua criação, em 1940, ele é reajustado de acordo com decisão exclusivamente política dos governos. Se eles querem agradar o trabalhador, aumentam acima da inflação do ano; se não querem, congelam o salário; reajustam abaixo do custo de vida e

reduzem seu poder de compra.

A fórmula salarial que o governo usa desde 1966 vale para classes e categorias de trabalhadores que ganham acima do mínimo. Nessa fórmula entram o aumento de produtividade (quanto a economia produziu a mais num ano usando o mesmo número de trabalhadores, de máquinas e tendo o mesmo volume de investimentos) e uma média nacional de custo de vida fornecida pelo Ministério do Trabalho.

ECONOMIA CRESCEU MAS SALÁRIO DIMINUIU

Ano	Salário mínimo valor real	Crescimento da economia	Ano	Salário mínimo valor real	Crescimento da economia
1940	2.234,89	100,00	1960	2.286,80	195,19
1941	2.037,20	102,57	1961	2.542,74	209,27
1942	1.829,01	97,53	1962	2.321,46(1)	214,10
1943	1.796,30	103,30	1963	2.043,24	211,23
1944	1.896,69	108,66	1964	2.108,78	211,36
1945	1.528,24	109,38	1965	2.025,12	210,97
1946	1.341,03	119,28	1966	1.733,45	212,76
1947	1.024,64	119,38	1967	1.642,80	216,89
1948	946,49	124,99	1968	1.605,01	234,36
1949	961,78	130,47	1969	1.544,46	250,40
1950	908,39	135,69	1970	1.571,63	264,83
1951	838,95	139,60	1971	1.504,12	291,91
1952	2.252,04	147,30	1972	1.477,12	317,26
1953	1.854,78	146,65	1973	1.353,63	351,59
1954	2.254,52	156,70	1974	1.242,22	375,56
1955	2.531,73	162,56	1975	1.297,96	386,17
1956	2.678,16	162,95	1976	1.289,01	410,30
1957	2.796,50	170,92	1977	1.343,46	418,51
1958	2.432,78	178,75			
1959	2.723,41	183,18	MARÇO/78	1.106,40	

• O salário mínimo real é o salário mínimo descontada a inflação. Para calculá-lo, o Dieese usou o Índice de custo de vida do município de São Paulo no período de 1940 a 1958 e o seu próprio índice de custo de vida entre 1959 e 1978. As duas séries foram encadeadas para abranger os 38 anos. O crescimento da economia foi

medido por um índice que acompanha a evolução da renda do país por habitante ou seja: o volume da produção econômica no Brasil dividido pelo número total de seus habitantes cresceu 318,51% desde 1940.

(1) A partir de 1962, inclui o 13º salário; (2) Dados preliminares.

Walter Diogo

Policiais que descobriram os envolvidos em dois dos principais crimes do Rio foram afastados pelo delegado que, quando estudante, assinou manifesto protestando contra a violência e arbitrariedade policial.

Delegado protege sequestradores e assassinos

Jamil Warwar descobriu em 48 horas quem foram os assassinos de Cláudia Lessin Rodrigues. Foi afastado do caso pelo delegado Mário César da Silva.

Mário Roberto de Oliveira teve que trabalhar três anos para descobrir os autores dos sequestros dos meninos Celso Eduardo de Carvalho Melchior, o Dudu, e Marcos Vinicius, ocorridos em 1975, em Copacabana. Foi afastado do caso pelo delegado Mário César da Silva.

Oficialmente, Jamil foi punido por ter dado uma entrevista ao **Jornal do Brasil**. Mário Roberto, por ter seu relatório confidencial sido divulgado no jornal **O Globo**. Na verdade, as versões extra-oficiais sobre ambos os casos de afastamento indicam a existência de larga corrupção dentro da polícia. Por exemplo: no afastamento do detetive Jamil Warwar o fator mais importante foram os milhões de cruzeiros distribuídos pelo Sr. Egon Frank para abafar o envolvimento de seu filho Michel na morte de Cláudia Lessin Rodrigues.

Uma figura estranha, o senhor Mário César. Diretor do Departamento Geral de Polícia, tem uma ficha no Departamento de Polícia Política e Social da Secretaria de Segurança, onde se lê que "o marginado ingressou no Partido Comunista Brasileiro em 1945". Ouvido a respeito, negou que seja comunista, embora tenha admitido ter assinado proposta de ingresso no Partido.

No dia 1º de setembro, o delegado viajou para a Europa, a fim de participar do 8º Congresso de Criminologia, a ser realizado em Lisboa. Depois, tem programado uma viagem à Espanha. Coincidentemente, o avião no qual

embarcou tinha como destino final a cidade suíça de Zurique, onde estão Michel Frank e seu pai Egon.

No caso do Mário Roberto, o que realmente motivou seu afastamento foi o envolvimento de um dos sequestradores — José Gomes Ricoca, o Joca — com o delegado Jasimar de Oliveira Tostes, assessor direto de Mário e seu substituto no DGPC. Joca declarou a Mário Roberto que era amigo particular de Jasimar, a quem vendia carros, além de frequentar o centro espírita do pai do delegado, na Estrada Rio-Petrópolis.

Depois de prestar diversos depoimentos José Gomes Ricoca foi posto em liberdade, "por falta de provas". Seu advogado, Augusto Ricardo, que trabalha com o criminalista Wilson Lopes dos Santos, defensor de Michel Frank, no processo em que é acusado da morte de Cláudia Lessin Rodrigues, levou-o à presença do delegado Jasimar. Este imediatamente chamou o diretor do DGPC, dizendo que Ricoca estava sendo apontado como um dos sequestradores de Dudu e Marcos Vinicius.

Mário César da Silva tomou o depoimento de José Gomes Ricoca e determinou o afastamento do inspetor Mário Roberto das investigações. Ao mesmo tempo, mandou abrir uma sindicância para punir o policial.

Mas não só Mário Roberto foi punido no caso dos sequestros. Em 1975 os detetives Juarez Lembo e Antônio de Barros, da Delegacia de Roubos e Furtos, foram detidos e tiveram suas armas e carteiras de polícia apreendidas por terem tentado investigar o fato.

Para chegar aos sequestradores de Dudu e Marcos Vinicius, Mário Roberto

preendeu o travesti Luis Cláudio da Silva, mais conhecido na Lapa, onde faz ponto, pelo nome de Heloísa. E Heloísa entregou o ouro: os sequestradores dos meninos eram Igor, Rodolfo, Valdir e Joca.

O travesti reconheceu José Gomes Ricoca, gerente de uma concessionária Volkswagen, no Engenho Novo, como sendo o Joca, que, ao ser detido, foi logo dizendo que era amigo do delegado Jasimar. Mesmo assim, foi preso e apontado como um dos sequestradores, após ser reconhecido por uma testemunha. Só depois de liberado "por falta de provas" foi que Joca procurou o delegado Jasimar, que o levou à presença de Mário César.

A partir daí, foi determinado o imediato afastamento do inspetor Mário Roberto, que insistia em acusar Joca, detentor de um salário de Cr\$65 mil.

O travesti, único pé-inchado envolvido no esquema, é, também, o único preso. Está recolhido a uma cela da Delegacia de Polícia Política e Social. Além de reconhecer Joca como sequestrador, levou Mário Roberto aos locais onde foram deixadas as mensagens aos pais dos meninos e à Rua Franz Post, em Jacarepaguá, onde foi pago o regaste de Cr\$100 mil pela família de Marcos Vinicius, filho de um major médico do Exército e sobrinho de um coronel. Heloísa indicou, ainda, o local onde Dudu foi assassinado, nas matas da Estrada das Canoas, próximo a São Conrado. E disse mais: a idéia dos sequestros surgiu na boate Sótão, na Galeria Alaska (Copacabana), na frente da 13ª DP.

A. Machado



Foi erro da polícia que matou Dudu

Celso Eduardo de Carvalho Lima Melchior, o Dudu, 14 anos, foi seqüestrado, ao sair de sua casa, na Avenida Atlântica, com destino ao Colégio Zacarias, no dia 13 de maio de 1975. No dia 31 de julho, Marcus Vinícius de Matos, também de 14 anos, era seqüestrado, também em Copacabana, próximo à 13ª Delegacia Policial.

Os seqüestradores enviaram à família de Marcus Vinícius um bilhete indicando o local onde estava o corpo de Dudu, morto em virtude de uma falha no esquema montado pela polícia e a mãe do jovem, Leda Maria.

A polícia, completamente desaparelhada e despreparada para resolver essa espécie de crime, entregou um rádio-transmissor à dona Leda na esperança de seguir a gincana armada pelos seqüestradores. A gincana consiste em uma

série de mensagens, deixadas em vários lugares, com a finalidade de levar as pessoas ao local final do pagamento do resgate. Dona Leda ler a mensagem em voz alta que seria captada no carro da polícia, estacionado perto do Maracanã, onde foi deixada a primeira mensagem. Só que o rádio pifou e a polícia se aproximou. No que se aproximou, foi vista por Joca, que, segundo declaração de Heloísa, estava num fusca azul, também ali por perto.

Resultado: o papo acabou e Dudu acabou sendo assassinado.

Diante da morte de Dudu, a família de Marcus Vinícius pagou o resgate pedido.

No momento, as investigações estão paralisadas, já que o delegado Mário César, ao analisar o relatório do detetive Mário Roberto, disse que "existiam 25 falhas"



Na ficha da Divisão de Informações do Departamento Geral de Ordem Política e Social, o delegado ingressou no Partido Comunista Brasileiro em 1945. Foi eleito presidente do Centro Acadêmico Luiz Carpenter, representando a chapa do Partido Estudantil UTC (União, Trabalho e Cultura), "que defendia os interesses do credo vermelho".

ESTADO DA GUANABARA
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO GERAL DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL
DIVISÃO DE INFORMAÇÕES

N.º

Nome: **MÁRIO CÉSAR DA SILVA**
Nacionalidade: **Brasileira**
Filho de: **Fernínio Meusi da Silva**
e de: **Neuêrices da Silva**
Idade: **53** anos em 1975 Nascido em **10** de **agosto** de 19**13**
Cart. Ident. ou Prof.: **974.695 I.F.P.** Título eleitoral:
Estado civil: **Casado** Profissão: **Funcionário Público Estadual**
Residência: **Rua Ferreira Viana, 53/804**
Local de Trabalho:
Observações:

Data	Histórico
28/11/949	Segundo informe não processado foi signatário do Manifesto dos Alunos da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro "protestando contra a premeditada violência arbitrariedade da Polícia, de que foi vítima o povo que compareceu ao comício da Esplanada do Castelo e contra o assassinato de Zélia Magalhães.
11/3/953	Nesta data, sindicâncias procedidas por este DOPS apuraram que o marginalizado ingressou no PCB em 1945. Posteriormente, como Aluno da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, foi eleito Presidente do Centro Acadêmico Luiz Carpenter, na chapa do Partido Estudantil U.T.C. (União, Trabalho e Cultura) que defendia os interesses dos adeptos do credo vermelho. Omitido a respeito, negou que fosse comunista, embora admitisse ter assinado proposta de ingresso no Partido. Na Secretaria /

ESTADO DA GUANABARA
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
DOPS - DI

Fis. 112

N.º 5.653

Data	Histórico
	da Faculdade foram obtidas informações de que eram desconhecidas as suas tendências a respeito. Na época, era funcionário da Secretaria da Faculdade. Foi aluno do curso de Comissário da Escola de Polícia, tendo sido o primeiro colocado. Requerer, na ocasião, uma comissão neste Departamento. Solicitado a comparecer a este DOPS para prestar esclarecimentos não atendeu ao convite, embora o seu desinteresse em provar a sua não participação das hostes vermelhas.
Em 1953	Nesta data, foi nomeado Comissário de Polícia do DOPS

Eleitor do Rio
O voto certo é para

MODESTO DA SILVEIRA

O candidato dos Direitos Humanos

MDB 319

Para deputado Federal



Advogado de presos políticos desde o dia 1º de abril de 1964, tem defendido operários, estudantes, lavradores, jornalistas e intelectuais de todo o país.

PINHEIROS VALEM 600 MILHÕES Funai rouba floresta de índio

— Qualquer funcionário da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) de Brasília, mesmo o que serve o cafezinho, ganha mais do que nós que trabalhamos e suamos em seus projetos. A serraria dela aqui produz 1200 dúzias de tábuas por mês. Queremos saber para onde vai esse dinheiro.

— A serraria arrecadou Cr\$ 3 milhões no ano passado e a FUNAI só nos deu, depois de muita briga, um trator de Cr\$ 500 mil. Onde está o resto do dinheiro?

Paraguai, autor da primeira frase, é um índio **guarani**, braço direito de Kretã, autor da segunda, **caingangue** e cacique de Manguairinha, reserva de 400 índios do centro-oeste do Paraná.

A serraria de Manguairinha, a quinta da FUNAI no Sul do País, foi instalada ano passado. Como fez nas outras serrarias, a Fundação tentou usar dos serviços dos índios sem carteira de trabalho assinada e contratar mais brancos do que o necessário. Kretã e Paraguai não deixaram. Foram a Brasília de canoa exigir do presidente da FUNAI seus direitos. E conseguiram:

— Hoje temos 15 índios na serraria ganhando salário mínimo e brancos são só os técnicos. Ganhamos também o direito de vender as ponteiros dos pinheiros.

Mas a FUNAI tem outros interesses nas terras de Manguairinha. A reserva tem 15 mil hectares de terra, nove mil não demarcados. Nesses nove mil existe a maior floresta de pinheiros do mundo, avaliada em Cr\$ 600 milhões. Há 20 anos a floresta é disputada entre a FUNAI e o grupo econômico Slaviero. O índio Paraguai acha, porém, que a floresta não é de nenhum dos dois:

— Isso é do índio. Queremos isso de volta.

No Sul, 24 reservas e 10 mil índios, a exploração de madeira é o grande negócio do DGPI— Departamento Geral do Patrimônio Indígena, órgão

da FUNAI que executa projetos econômicos em áreas indígenas. E já deu problemas à Fundação: a serraria de Manguairinha chegou a ser interditada por um outro órgão do governo, o IBDF — Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, porque a FUNAI cortava árvores sem prestar contas a ninguém. (A interdição ocorreu quando Kretã e Paraguai foram a Brasília, ano passado e fizeram uma zoeira nos jornais, como dizem, a respeito da situação dos índios no Sul.)

Numa área vizinha a Manguairinha, chamada Rio das Cobras, também havia exploração de madeira. O funcionário da FUNAI Leonardo Machado, chefe do Posto, vendia por conta própria pinheiros da área indígena. Ele foi demitido em dezembro de 1977, mas os problemas que criou continuaram existindo: os brancos que passaram a morar em terras índias durante sua gestão não quiseram saber de sair. Os próprios índios, então, resolveram expulsá-los.

O cacique de Rio das Cobras, Carai-Tupã, aconselhou-se com o cacique Kretã de Manguairinha, e os dois fizeram o plano: reuniram 15 guerreiros, armados com arco, flexa e espingarda de caça que assustaram os brancos da área durante a noite, com gritos. Assim conseguiram expulsar 150 famílias de colonos. Mas até expulsar os 2 mil invasores, Kretã teve de espalhar muitos boatos ameaçadores como "dois mil **botocudos** estão vindo de Mato Grosso para ajudar na revolta". A coisa ficou tão preta que o Exército mandou 100 soldados da PM, armados de metralhadora, para acalmar os ânimos. Os dois mil brancos, porém, foram expulsos mesmo, em fevereiro deste ano.

Em maio, os índios da reserva Nonoai, na fronteira de Santa Catarina com Rio Grande do Sul, também se revoltaram e expulsaram seis

Dez mil índios vivem entre São Paulo e Rio Grande do Sul, em 24 reservas ricas em florestas. A FUNAI tem cinco serrarias aí, onde os índios trabalham quase de graça. Mas quer também pra ela a maior floresta de pinheiros do mundo.



Kretã (de chapéu) e Paraguai denunciam exploração



Fotos de Vincent Carelli

mil brancos habitantes de sua área. Os brancos ficaram sem ter aonde ir. Muitos ficaram morando em parques de exposição de animais, outros tantos invadiram uma fazenda para morar, a Sarandi, e outros ainda foram tentar a sorte no Mato Grosso.

O papel do cacique Kretã, nessas revoltas, é evidente. Não é à toa que ele, hoje, é quase uma lenda entre os índios do Sul, reconhecido pelo chapéu de palha com abas viradas para cima. Cacique desde 1974, foi eleito pelos 400 índios da área, na base do "levanta a mão". Havia dois outros candidatos.

A eleição só foi possível depois que o chefe de posto de Manguairinha foi demitido. Era o tenente Florisval. Ele tinha uma roça particular onde os índios trabalhavam de graça e ainda por cima vigiados por uma guarda índia, masculina e feminina, e o tenente de relho (chicote) na mão. Dessa época os índios recordam a cerimônia que Florisval fazia uma vez por semana: botava sua farda, apanhava uma imagem de Nossa Senhora Aparecida e reunia os índios no galpão, dizendo:

Hoje, vocês não estão falando com o chefe de Posto; estão falando com o tenente Florisval.

E beijava a santa.

Nessa época Kretã não podia viver na sua tribo. Fazia parte do "grupo dos 12", de oposição ao tenente Florisval. Por isso passou vários anos exilado em outras áreas indígenas, refugiado. Aproveitou o tempo para viajar e "descobrir o Brasil", que não é tão branco como dizem". Conheceu muitos índios e muitos brancos nessas viagens. Ficou tão conhecido que em 1976 conseguiu se eleger vereador, pelo MDB da cidade 20 km distante da aldeia, vulgo "Chumbolândia". Conhecido no lugar como "peitudo" recebeu 170 votos.

Paraguai, seu braço direito, conviveu com brancos na infância, fez curso no SENAI — Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, em São Paulo, estudou em Campinas e Rio de Janeiro. Mora numa casa de madeira azul com televisão, tem três filhos. A família de Kretã, dois filhos, também mora numa casa confortável. Ao contrário do que acontece com outros índios do país, a população de Manguairinha vem crescendo. Por isso Kretã avisa:

— Precisamos de mais máquinas para nos modernizar. O índio deve olhar o futuro, pegar as boas coisas da civilização dos brancos e continuar sendo índio.

Palmério Dória
de Vasconcelos

Tribos vão sofrer com Figueiredo

Assembléia ameaça apelar pra violência

Os seringalistas da região sudoeste da Amazônia estão explorando dezenas de tribos indígenas, comprando pela metade do preço mercadorias valiosas que eles produzem, como borracha e castanha do pará, proibindo-os até de pescar e impondo-lhes um regime de trabalho escravo.

As denúncias foram feitas pelos próprios índios, reunidos em julho deste ano numa assembléia promovida pelo Coordenador Regional do Conselho Indígena Missionário, Irmão Valladares e pelo padre Antônio Iasi Júnior.

A importante reunião dos índios foi realizada em Juruquá, município de Lábrea, a 5 horas de barco a motor da cidade de Rio Branco, capital do Estado do Acre. Participaram dela 38 índios, representantes de 13 áreas da Amazônia, como os remanescentes das grandes nações jamadi, paumari, kanamari e apurinã. A assembléia durou 2 dias e foi vital para se entender os problemas de mais de 300 índios da região, mas a Funai não compareceu.

Segundo o Irmão Valladares, os escritórios da Funai no Acre e no território de Rondônia foram convidados, mas «não se interessaram». Ele não entende por que a Funai não visitou nem uma vez as tribos do Juruquá e diz que os índios não acreditam que ela seja um órgão de defesa de seus direitos: «eles são perseguidos e até mortos pelos patrões e a Funai nem sabe de nada. No mês passado, por exemplo, um índio apurinã foi preso pela polícia de Lábrea, a mando de um seringalista, pela simples razão de estar pescando no rio. Em toda essa região do médio Purus a Funai não tem nenhum posto indígena».

Valladares afirma ainda que, embora os índios morem perto do rio, até hoje não tiveram suas terras demarcadas como reserva. Isso levou a assembléia a tomar uma decisão: os índios querem as reservas demarcadas e estão dispostos a apelar até para a violência para garantir seus direitos. Durante a reunião, um índio apurinã disse: «nós queremos as terras porque sabemos trabalhar. Já estamos cansados de manter os filhos dos patrões».



Segundo o Padre Iasi, "os homens que prepararam a candidatura de Figueiredo, como Costa Cavalcanti e Mario Andreazza, foram os que mais atrapalharam a vida do índio durante o governo Médici."

Foto Varadouro

4 seringalistas são acusados

Os principais acusados pelos índios são os seringalistas Osmar Faria, Moacir Canizio de Brito, o "Louro", Antônio Marques Pitomba e Preto Salgado.

Esse grupo impede que os índios pesquem e vende proteção às embarcações dos geleiros que vêm de Manaus para explorar a pesca comercialmente. Segundo Valladares, "vem se acentuando um criminoso protecionismo, sem que qualquer denúncia seja feita em defesa do índio."

Além disso, os marreteiros compram mercadorias dos índios pagando ninharias. A denúncia é do Padre Iasi: "desconhecendo a moeda nacional e sem receberem qualquer comprovante ou nota de mercadoria, eles entregam centenas de quilos de castanhas do pará, borracha, sorva (um tipo de látex), couros de onça e peles de lontra maracajá. Os produtos são oferecidos pela metade do seu preço real."

Trocaram as ervas por Melhoral moído

Melhoral moído está sendo usado pelos índios do Médio Purus para curar dor de dente e hemorróidas. Dizem que acalma a dor. Se têm uma simples dor de cabeça, gripe ou febre, tomam logo algum antibiótico, principalmente terramicina. Esses remédios foram trazidos à região por marreteiros de Lábrea, e são vendidos sem receita médica ou controle da FUNAI, em troca de borracha, castanha e peles.

A denúncia da situação — "que está levando os índios ao suicídio lento" — é de Salvador Valladares, conselheiro do CIMI-Conselho Indígena Missionário. Ele conta que o vício dos remédios está matando quase tanto quanto as doenças além de ter acabado com a tradicional farmácia indígena, de plantas e ervas. Vinte e cinco espécies delas já foram abandonadas até agora.

Antes, para curar dor de dente eles usavam formigas

"tocantiras" e gripe "braba" combatiam com escamas de pirarucu. Para vermes e disenteria o remédio era leite de gameleira e pau de lombriga. Até a malária — que exige medicamentos mais eficazes como aralém e cloroquina — era curada pelos índios, à base do arbusto caferana, conhecido por "raiz amargosa" ou "fel-da-terra".

Hoje há uma verdadeira invasão de antibióticos, denuncia Valladares, o que enfraquece o organismo e a economia dos índios.

— Antigamente eles trocavam toda sua produção por comida e agora têm que usá-la também para trocar por remédios.

O abandono dos índios é vergonhoso. Recentemente, segundo denúncias de índios apurinã, uma mulher grávida morreu à míngua pois seu "patrão" lhe negou auxílio. E uma criança morreu com sarampo, abandonada em sua maloca sem nenhuma assistência médica.

"O futuro do índio brasileiro tende a piorar, caso seja eleito para presidente da República o general João Batista Figueiredo".

A afirmação é do padre Antônio Iasi Júnior, que até o final de 1977 foi secretário-executivo do Conselho Indigenista Missionário, de onde foi obrigado a sair em virtude de uma série de pressões.

"Os homens que ajudaram a preparar sua candidatura, como Costa Cavalcanti e Mário Andreazza, foram os que mais atrapalharam a vida do índio durante o governo Médici. Costa Cavalcanti, facilitando projetos agropecuários em áreas indígenas, de modo especial no vale do Guaporé, em Mato Grosso, e o corte do Parque do Xingu pela BR-080, que juntamente com outras estradas demagógicas do Sr. Mário Andreazza só levaram os índios ao vício do alcoolismo, à exploração e à prostituição."

Hoje, o padre é pesquisador do Museu Rondon, da Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá. Mas continua seu trabalho junto aos índios e, principalmente, fazendo denúncias contra a Funai.

"Essa história de emancipação do índio é blefe. Não passa mesmo de um problema pessoal do ministro Rangel Reis, do Interior. Além do mais, é sustentada e propagada por desajustados e

interesseiros, que entendem ser o índio algum boneco ou outro brinquedo. O índio é gente e eles precisam se conscientizar disso. Creio que o ministro se sentiria frustrado, como ele mesmo declarou, caso não fossem emancipados alguns grupos indígenas durante o governo do qual ele participa. Como isso não foi possível, e esperamos que não o seja, pois seria um desastre calamitoso, é muito natural que até a última hora procure fazer algo para superar essa frustração."

A emancipação do índio, que, segundo sertanistas, antropólogos e sacerdotes é desaconselhável, não teria provocado no ministro o desejo de apresentar algum serviço positivo à FUNAI?

— Pra lhe dizer a verdade, a atuação do Sr. Rangel Reis com relação à FUNAI significou, pelo menos, dez anos de atraso na política indigenista e, conseqüentemente, na atuação do órgão executor da mesma. A FUNAI, em decorrência da intromissão do ministro do Interior, se desestruturou por mudanças e impasses. A própria administração do atual presidente (Ismarthy de Oliveira) assemelhou-se mais a um parque de manobras de uma estrada de ferro, onde os vagões são empurrados de um lugar para outro, do que a composição em marcha.

Matérias publicadas no jornal Varadouro, do Acre

LANÇAMENTO NACIONAL

SE SEGURA, MALANDRO!

3ª semana

um filme de e com **HUGO CARVANA**

e mais: **DENISE BANDEIRA**
LOUISE CARDOSO
LUTERO LUIS
MARIA CLÁUDIA
CLÁUDIO MARZO
WILSON GREY

16 anos

colorido

distribuição **EMERSON**

músicas originais de **CHICO BUARQUE**
JOÃO BOSCO
ALDIR BLANC
MARIO LAGO

A COMÉDIA QUE ANISTIA SEU FÍGADO

**MÃE
CORAGEM**

Dona Sebastiana, de 50 anos, esposa de um faxineiro, deu a idéia: fazer uma greve de fome até o DOPS soltar 22 pessoas acusadas de reorganizar um partido clandestino, inclusive o filho dela de 20 anos de idade.

Parou de comer pra tirar o filho da prisão

Sebastiana Pessopani Toledo de Almeida tem 50 anos e está sem comer desde o dia 1º de setembro, no salão Beta da PUC de São Paulo, junto com outras 29 pessoas. É um movimento grevista em apoio aos 22 presos da Convergência Socialista, sediada em São Paulo. Sebastiana foi quem começou o movimento. Seu filho José Maria de Almeida, 20 anos, foi um dos primeiros a serem presos, no dia 23 de agosto. Interrogado no Deops, quiseram que confessasse ser da Liga Operária, acusaram-no de comunista. Sebastiana, que já tivera o filho preso e torturado uma vez, em abril do ano passado, pergunta:

— Por que consomem tanto com a gente? Qual o crime

dessas pessoas? Pensar que também os trabalhadores têm direito a comida, a uma vida decente? É por isto que eles vão presos, são torturados por aqueles macacos que dizem que este é seu trabalho? Por que uma mãe tem que viver nesse pesadelo, ver o filho sair de casa e não saber se ele volta?

Foi exatamente o que aconteceu com ela. Zé Maria saiu dia 23 de agosto para visitar uma amiga em São Caetano. No dia seguinte Sebastiana viu sua cama vazia e se preocupou. O filho dormia às vezes fora de casa, mas sempre avisava, e, além disto, sua primeira prisão permitia à mãe pensar logo no pior. Telefonou para o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, mas lá não sabiam o que acontecera com o frisador José Maria, que se filiou em 76. Mais preocupada ainda, Sebastiana saiu à cata do filho, e soube pelo advogado Idibal Piveta que o rapaz estava no Deops.

Dia 28 de agosto, famílias e amigos dos presos fizeram vigília numa igreja de Santo André, para protestar. Dona Sebastiana propôs greve de fome. Se ninguém aceitasse, falou, faria a greve sozinha. Dia 31 à tarde, 22 pessoas pararam de comer, reunidas numa velha quadra de futebol.

Os grevistas trouxeram colchões, cartas, dominó, livros, revistas, toca-discos. Organizaram-se em comissões de higiene, saúde e de imprensa. Enfermeiras e médicos voluntários se revezaram para acompanhar o estado de saúde daquelas pessoas alimentadas só com água e soro.

— Agora a gente não precisa mais brigar contra o custo de vida: estamos aprendendo a viver sem comer — brincava dona Sebastiana, com 72 horas de fome.

Vinte e quatro horas depois de dizer isto, dona Sebastiana viu o filho de volta. Foi solto (e em seguida despedido da Cofap, em Santo André, onde trabalhava) e entrou na greve de fome.

— Minha mãe mudou bastante depois da minha primeira prisão. Antes, ela achava correto lutar pelo trabalhador, mas tinha aquele receio, pensava que o filho dela não tinha que se meter nessas coisas. Agora ela assume isso. Inclusive a diferença de tratamento que eu tive na primeira e na segunda prisão ela percebe que não foi um negócio dado, foi arrancado.

A primeira prisão foi em abril de 1977: 30 dias de terror no DOPS: choques elétricos nos dedos cobertos de pano, palmadas de madeira em todo o corpo, pancadas, ameaças de pendurar toda a família no pau-de-arara.

A família veio de Santa Albertina, divisa de Minas Gerais com São Paulo. O pai, faxineiro, ganha salário mínimo. São cinco filhos. Zé Maria trabalha e estuda desde cinco anos de idade:

— Que tempo um menino desse teve para se tornar terrorista ou comunista, como um delegado do DOPS disse pra mim no ano passado?

Nessa prisão, agora, Zé Maria não foi torturado, mas ficou incomunicável. Não foi fácil para a mãe achá-lo no Deops. Quando ela foi lá, informada pelo advogado, lhe disseram que não havia nenhum Zé Maria preso. Começou, então, a perambular por repartições, enfrentar burocracias. Até se confirmar a informação do advogado.

— Por que fazem isso com os meninos? Por que a polícia não se preocupa em caçar bandido? O que vai ser do Brasil se forem presos todos esses meninos que pensam e só por que eles pensam?

Dia 6 de setembro, a reitoria da PUC pediu aos grevistas que saíssem do salão Beta, mas eles não concordaram. Só no dia 13 de setembro, depois de uma conversa de duas horas com a Comissão de Justiça e Paz da Cúria Metropolitana, eles terminaram a greve, sem terem conseguido a liberação de todos os presos.

Bernardo Pellegrini



Sebastiana diminuiu os cigarros para agüentar a fome

Foto de Wagner Berber



Chagásicos apóiam o Figueiredo

CONFUSÃO É TOTAL: AGORA ATÉ MEDICI ESTÁ COM EULER BENTES, O GENERAL DO MDB

CORRUPTO ESPERTO ESTÁ SOLTO

Porta-voz do governo já garantiu a posse de Chagas Freitas, no Rio, e de Paulo Maluf.

Ficou Rico

Roubando Jornal

Chagas Freitas era advogado de Ademar de Barros — Político passou procuração e viajou para o exterior — Chagas pôs em seu nome o jornal A Notícia — Construiu império sobre sangue e bandalheira.

Dr. Chagas no governo:

MÚMIA VOLTA APÓS 5 ANOS

Fundador: CHAGAS FREITAS

O DIA

O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO PAÍS

Povo está cheio de Chagas

Cidade amanheceu triste após anúncio da designação do novo governador do Estado. Populares andaram de cabeça baixa pelas avenidas do centro, pensando em quando terminará seu sofrimento. Chagas promete governo austero e honesto, mas todo mundo sacode a cabeça desanimado. Lá vêm mais cinco anos de péssima administração.

Amaral Peixoto é rua em Niteroi

Senador biônico pelo Estado do Rio não teve opção, depois do massacre promovido por Chagas Freitas e seus Miro Teixeira. Aceitou ser nome de rua na antiga capital fluminense só pra não passar por mal educado, já que a nova via pública ainda não tem luz, gás nem água encanada. Chagas promete inauguração para final do mandato (quando o senador já deve ter morrido).



O monstro ressurgindo das catacumbas para ocupar o velho palácio

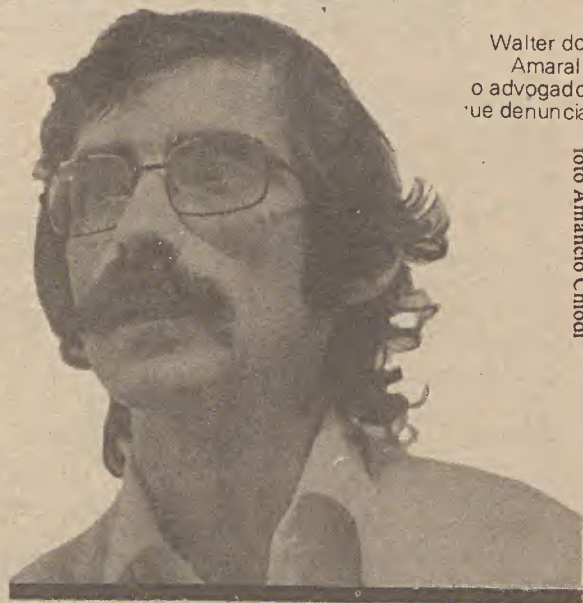
"AMIGO" DOS BARNABÉS TEM FORTUNA INCALCULÁVEL

DR. CHAGAS TEM MAIS DE 100 IMÓVEIS E MILHÕES EM VÁRIOS BANCOS

Paulo Maluf

tramou golpe

da Lutfalla



Walter do Amaral, o advogado que denuncia

foto Amâncio Chiodi



Silvia Lutfalla, sócia "falida" e mulher de Maluf

O governador-nomeado de São Paulo. Paulo Salim Maluf esteve diretamente envolvido nas fraudes cometidas pela empresa Fiação e Tecelagem Lutfalla para obter empréstimos do governo, dar trambiques em seus fornecedores e não pagar os impostos que devia. A Lutfalla, com a qual Maluf hoje diz não ter nada a ver, era de propriedade de seu sogro, Fuad Lutfalla, recentemente falecido. Silvia Lutfalla, filha de Fuad e uma das acionistas da empresa, é casada com Paulo Maluf.

Walter do Amaral, advogado do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE) que, por ordem do governo federal emprestou muita grana à Lutfalla, acusa Maluf de ter bolado todo o golpe para tirar dinheiro dos bancos oficiais, transferir os bens dos acionistas de modo a que não fossem obrigados a pagar as dívidas da empresa e forjar,

depois, a falência fraudulenta para não ter que pagar nem impostos nem fornecedores. No total, um rombo de CR\$900 milhões atingindo, além do BNDE, o Banco do Brasil, o Banco do Estado de São Paulo, o antigo Banco do Estado da Guanabara e a Secretaria de Fazenda de São Paulo. E todo o mundo que paga imposto, é claro.

Em maio de 1975, quando usava seu prestígio junto ao governo para obter créditos irregulares para a Lutfalla, que já estava falindo, Paulo Maluf foi expulso do gabinete do presidente do BNDE, Marcos Vianna, por recusar-se a dar seu aval pessoal ou o de sua outra empresa, a Eucatex, para garantir o crédito que pedia. Vianna acusou Maluf de usar sua influência para corromper funcionários do Estado e negou-lhe definitivamente novos financiamentos.

Até o mês passado, o advogado Walter do Amaral, paulista de Rincão, foi um dos funcionários do governo designados para intervenção na Fábrica Fiação e Tecelagem Lutfalla. Licenciou-se mês passado para se candidatar a deputado estadual. Ele examinou todos os documentos da empresa, garante que a falência foi fraudulenta e que quem mais ganhou no escândalo foi Silvia Lutfalla Maluf, esposa de Paulo Maluf, filha do antigo presidente da empresa, Fuad Lutfalla (falecido há um mês, aos 85 anos).

Walter explica a manobra que transformou a falência em intervenção, do governo, por meio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico. O BNDE já emprestara, em 1973, Cr\$ 13 milhões à Lutfalla. Em 1974, emprestou mais Cr\$ 26 milhões. No ano seguinte, sem ter pago nenhuma prestação de qualquer empréstimo (palavras de Walter), a Lutfalla pediu novo empréstimo. O BNDE negou, depois de uma análise econômica e de concluir que a Lutfalla estava em situação pré-falimentar.

— O senhor Paulo Maluf — prossegue Walter — encontrou-se com o presidente do BNDE, Marcos Vianna, e lhe disse que a Lutfalla era uma empresa boa e não haveria razão para negativa do empréstimo. Marcos Vianna pediu o aval de Maluf como garantia para o empréstimo. Primeiro Maluf concordou, depois voltou atrás. O empréstimo não foi concedido.

Estávamos em 1975. A fábrica de tecidos, de quase dois mil operários, sediada em São Miguel Paulista (Grande São Paulo); continuava no caminho da falência, quando o BNDE recebeu ordem expressa do ministro do Planejamento, Reis Velloso: o banco deveria intervir na Lutfalla, assumir sua direção,

assinar com os acionistas a opção de compra de ações, a um cruzeiro cada (valor simbólico).

Sobre isso, Walter diz que "assim mesmo houve resistência do BNDE em atender essa ordem. Então, veio nova ordem, dessa vez por telex, em que ficava muito claro que se tratava de decisão presidencial. Marcos Vianna diria mais tarde, textualmente, que a intervenção na Lutfalla, do jeito que foi feita, foi um prêmio a um empresário que não o mereceu."

Por que o governo insistiu na intervenção? Você acha que houve tráfico de influência? O governo sempre interferiu no BNDE?

— A atitude do governo é inexplicável — diz Walter. As autoridades disseram que a intenção era evitar um trauma social, uma falência em cadeias no setor têxtil. Tráfico de influência é sempre citado, muito discutido, mas nada se provou. Agora, interferência nas decisões do BNDE sempre houve, como em todos os órgãos de ministério de segundo escalão, que não têm nenhum poder de decisão.

Como a Lutfalla fez para merecer a intervenção?

— Bem, os diretores nomeados para intervenção encontraram na Lutfalla problemas de toda sorte: títulos em cartórios de protesto, ações ajuizadas, requerimento de falência já pedido. Só em cartório tinha mais de Cr\$ 30 milhões. Era uma empresa insolvente que deveria ter falido há muito tempo. Não faliu porque os balanços eram "melhorados", porque a empresa era muito mimada e muito querida e recebia todos os favores de órgãos de financiamento oficiais ou particulares. Em 75, foi feito o primeiro balanço real da empresa: só nesse ano havia Cr\$ 302 milhões de prejuízo. Esse balanço foi aprovado por unanimidade pelos acionistas, a família Lutfalla. Descobriu-se também que o



Maluf tem sempre apoio de Reis Velloso

Pediu dinheiro para a família mas não quis ser fiador

Paulo Salim Maluf foi acusado em 1975 pelo presidente do BNDE, Marcos Vianna, de usar o seu prestígio para defender de forma ilegal e ilegítima os interesses da Fiação e Tecelagem Lutfalla. Embora alegue agora que nada tem a ver com a empresa, além de ser casado com uma das acionistas, Sílvia Lutfalla, Maluf, na verdade, pediu empréstimos e favores para a Lutfalla em vários bancos oficiais muito antes de o assunto se tornar público.

Numa dessas ocasiões, entre fevereiro e maio de 1975, pouco antes de o governo decretar intervenção federal na Lutfalla, Paulo Maluf, que na época era presidente da Associação Comercial de São Paulo, visitou Marcos Vianna no BNDE pedindo-lhe novos empréstimos.

Marcos Vianna propôs então uma reunião entre os técnicos do banco e alguns administradores da Lutfalla para que fosse analisada a capacidade da empresa de pagar o empréstimo que pedia. Dois dias depois desse encontro, a reunião foi realizada e os economistas



Marcos Vianna
achou estranho
o pedido

Maluf e de seu irmão Roberto, avalizasse o empréstimo para a Lutfalla. Maluf disse que a Eucatex era dirigida por seu irmão, ele estava afastado da administração e não poderia decidir nada. Pediu tempo para consultar o irmão e dar uma resposta.

Alguns dias mais tarde, Maluf voltou a Marcos Vianna dizendo que a Eucatex não podia avalizar nada. O presidente do BNDE sugeriu então a Maluf que, se ele confiava tanto na Lutfalla, desse seu aval pessoal ao financiamento. Maluf, entretanto, pôs uma série de dificuldades, explicou porque não podia fazer isso e, finalmente, também se negou a avalizar o crédito.

Marcos Vianna ficou irritadíssimo e passou a tratar Maluf asperamente, perguntando-lhe porque não arriscava o seu patrimônio já que dizia que a Lutfalla não teria dificuldade para pagar o novo crédito. Maluf assustou-se com o tom da conversa, balbuciou uma resposta pouco convincente e foi logo interrompido:

— Se o senhor não quer se envolver — continuou Marcos Vianna — com o empréstimo que me pede, ferindo todos os critérios de avaliação do banco, o senhor não passa de um intermediário da Lutfalla. O que o senhor está fazendo é advocacia administrativa e o presidente do BNDE não conversa com esse tipo de gente. E expulsou Maluf de seu gabinete.

foto Sérgio Sbragaglia

do BNDE provaram com números a Maluf e seus auxiliares que a Lutfalla não tinha condições financeiras para receber nenhum crédito adicional.

Na saída da tal reunião, Maluf procurou Marcos Vianna pedindo-lhe que, apesar de tudo, concedesse o financiamento "que salvaria a Lutfalla". A essas alturas, já era total o envolvimento do atual governador-biônico de São Paulo no caso: ele estava usando seu prestígio pessoal para obter favores para uma empresa quase falida num banco do governo. Vianna então propôs que a Eucatex, empresa de Paulo

patrimônio da empresa era de Cr\$ 275 milhões negativos.

— Os diretores inter-vencionistas sugeriram ao ministro do Planejamento que a Lutfalla deveria ser liquidada, o que foi aprovado em assembleia geral, em 18 de agosto de 76, junto com a decisão de que todas as irregularidades dos antigos acionistas fossem apuradas. Naquela altura, já haviam sido detectadas irregularidades de toda ordem da Lutfalla: desde caixa dois até crime de estelionato; de emissão de duplicatas simuladas até estouro de caixa; desde sonegação fiscal até exportação fictícia. Tudo que se possa fazer de irregular numa S/A, a Lutfalla fez.

De que maneira Paulo Maluf levou vantagem nisso?

— Ele foi o artífice intelectual de uma manobra interessante. Voltando a 8 de agosto de 75, quando o BNDE assinou o termo de compra de ações com os acionistas da Lutfalla, vamos ver que, nesse dia, duas pessoas venderam suas ações: Sílvia Lutfalla Maluf e sua irmã Vera. Passaram as ações ao irmão Fuad Lutfalla Jr. E não assinaram o compromisso com o banco. Os outros acionistas transferiram todos seus bens particulares (inclusive todo buraco que era aberto na Lutfalla) para empresas da senhora Sílvia, empresas de que o BNDE não sabia a existência: Lumaver (holding) e as subsidiárias Lumen S/A e Boa Vista Empreendimentos Agro-

pecuários S/A. Então, foi se transformando o capital votante dessas empresas, principalmente na holding, em que os acionistas e signatários do termo de opção de compra transferiam essas ações para dona Sílvia e dona Vera, sua irmã, que não tinham assinado o termo de opção de compra. Não se tinham comprometido com o BNDE. Os acionistas que haviam se comprometido, misteriosamente passaram a empobrecer. A ponto de chegarem ao nível de insolvência, o que caracteriza a fraude contra credores. Então, isso prova que a falência foi preparada. Os prejuízos foram socializados, ao passo em que privatizaram todos os lucros para as mãos de dona Sílvia. Eles estavam preparados psicologicamente ou para receber socorro financeiro, via governo, ou falir pura e simplesmente. Ocorre que para o senhor Paulo Maluf talvez a falência não servisse. Ainda que tivesse vantagens para o grupo, traria enormes desvantagens morais para Paulo Maluf, que, naquela época, já tinha ambição de governar São Paulo. Ele fez de tudo para que fosse evitada a falência, que a via navegável fosse a de intervenção.

Mas qual o interesse de Paulo Maluf na Lutfalla, se as ações não eram dele?

— Sabe-se que, num casamento de comunhão de bens, a mulher não pode fazer nenhum negócio sem, pelo

menos, o conhecimento do marido. E uma ação ao portador (como as de Sílvia) pertence ao casal e é declarada pelo cabeça do casal, como propriedade do cabeça do casal, no caso, o marido. Se ela foi a maior beneficiária de todo o escândalo — e temos provas disso — ele, por extensão, também foi. Então os maiores credores da Lutfalla foram fraudados; o BNDE em Cr\$200 milhões, o Banco do Brasil em Cr\$ 80 milhões, o Banespa em Cr\$ 40 milhões, o Banco do Estado da Guanabara em 60 ou 70 e a Fazenda do Estado em 70.

Quanto o BNDE emprestou à Lutfalla, no total?

— Trinta e nove milhões. O restante foi por conta e risco do Tesouro Nacional, via BNDE. Deve ter atingido aproximadamente 140 ou 150 milhões. Esse dinheiro saiu das reservas monetárias, compostas pelo imposto de operações financeiras. Empresas privadas não podem ser liquidadas como recursos de impostos.

Qual é o total da dívida da Lutfalla?

— Feitas as devidas correções, o patrimônio líquido, que em 75 era de Cr\$ 275 milhões negativos chega hoje a Cr\$ 900 milhões. Vemos hoje o senhor Paulo Maluf ser beneficiário de uma transação de uma falência fraudulenta, dolosamente arquitetada, lesar o interesse público em mais de 900 milhões e ser premiado com o

cargo de governador do Estado mais rico da Federação. Se dividirmos 900 milhões por 100 milhões de brasileiros, vemos que, para cada família de cinco pessoas, o escândalo custou 45 cruzeiros, que representa um dia de trabalho. Então, todo trabalhador brasileiro contribuiu com quase um dia de trabalho para enriquecer o pretenso futuro governador.

O caso Lutfalla está encerrado?

— Está no começo. O último lance (confisco de bens da Lutfalla) tem implicações obscuras, tenebrosas e satisfaz em apenas 10% o resultado da CGI — Comissão Geral de Investigações, órgão criado para examinar casos de enriquecimento ilícito. A CGI da Lutfalla concluiu pelo enriquecimento ilícito e propôs ao ministro da Justiça e ao presidente da República o confisco de bens de pessoas e empresas. Mas o decreto de confisco baixado pelo presidente só se refere a bens da Lutfalla, cujo patrimônio é negativo. Como houve empobrecimento dos acionistas e enriquecimento de duas ex-acionistas, vê-se claramente que só há uma maneira de haver ressarcimento dos prejuízos da União: confiscando os bens das empresas de Sílvia Maluf. E se esses bens não bastarem, terá que haver confisco direto de bens do senhor Paulo Maluf.

João de Barros

Siglas e Termos Técnicos

BNDE — Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico é um banco do governo para financiar projetos na área industrial.

Holding — Gerúndio do verbo inglês *to hold*, que significa segurar, conter, manter. Uma empresa **holding** é a que detém o controle acionário de várias outras pertencentes a um mesmo grupo.

Concordata — Uma empresa pede concordata quando não pode mais pagar todas as dívidas e quer fazer um acordo, na Justiça, com o conjunto de seus credores.

Duplicatas simuladas — São títulos emitidos por alguma empresa sem corresponderem a uma venda de serviços ou mercadoria. A firma simula que fez uma transação comercial, emite a duplicata e a desconta em qualquer banco.

Estouro de caixa — O caixa de uma empresa "estoura" quando ela gasta mais do que recebe. (Não se pode gastar o que não se tem)

Ações ajuizadas — Ações que já estão na Justiça.

Exportações fictícias — Uma empresa simula vendas ao exterior, usando documentos falsos para eventualmente se beneficiar de estímulos fiscais concedidos pelo governo às firmas que realmente exportam.

Liquidação — Liquidar uma empresa significa acabar com ela, vendendo todo o seu patrimônio para pagar as dívidas. Se esse patrimônio não for suficiente para pagar os credores, os acionistas da empresa cobrem o que faltar com seus próprios recursos. A liquidação pode ser feita na Justiça ou por intervenção do governo, amparado no AI-5.

Intervenção do governo — O governo intervém numa empresa para regularizar suas atividades, passando a comandar os negócios como um administrador. A intervenção é feita pelo departamento do governo que atua na mesma área da empresa. Quando se trata de intervenção no mercado financeiro (no Grupo Halles, por exemplo), o interventor é um funcionário do Banco Central.

Falência fraudulenta — Quando uma empresa tem interesse em ver decretada sua falência, ela falsifica documentos, inventa despesas para reduzir os pagamentos que teria de fazer aos seus fornecedores e aos cofres públicos.

Insolvência — Uma empresa é insolvente quando a receita não cobre mais as despesas.

Você, que doou a aliança em 64:

ENTREGAMOS O OURO PROS BANDIDOS

Alguns meses depois do golpe militar de 1964, os Diários Associados promoveram uma campanha, logo endossada pelo governo, que visava à arrecadação de ouro, com a finalidade de pagar a dívida externa do Brasil (pelo menos foi o que foi dito). Treze Estados doaram ouro, dinheiro, pedras preciosas, o diabo.



Segundo a Casa da Moeda, foram arrecadados Cr\$ 115 milhões. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, apenas dois quilos de ouro entraram para as nossas reservas. Mas as várias pessoas que poderiam esclarecer alguma coisa sobre o assunto, não sabem explicar o paradeiro do ouro.

Ilmo. Sr.
Dr. Arthur Pereira
DD. Inspetor Geral de Finanças
Ministério da Fazenda - Brasília.

Prezado Sr.:
Há dois anos atrás (9/08/72) recebi de V.S. uma carta, protocolada sob nº 602, em resposta às minhas indagações sobre o destino do metal arrecadado na famosa campanha "Ouro para o Bem do Brasil" (cópia anexa).

Havia então uma Comissão - designada pelo Ministro da Fazenda - incumbida da apuração de todos os valores levantados durante a campanha. Não me recordo se, desde então, foram publicamente divulgadas as conclusões da Comissão. Solicito portanto da V.S. informar se ela já terminou seu trabalho; quando e como seria possível obter uma cópia do seu relatório final; e, finalmente, quais os nomes dos membros da Comissão e se estariam acessíveis para entrevistas.

V.S. há de compreender, naturalmente, que não se trata de bisbilhotice. Uma campanha como aquela, que galvanizou toda a imprensa brasileira, merece ter sido acompanhada de melhor forma, no que diz respeito aos resultados. Agradeço uma vez, a atenção que V.S. possa me dispensar.

ATENCIOSAMENTE
São Paulo, 21 de outubro de 1972

Marco Antonio Rocha - Ed

O jornalista quis saber onde estava o ouro da campanha. Ficou dois anos tentando, até que resolveu desistir.

Dia 22 de junho de 1972, Marco Antônio Rocha, editor econômico da revista *Visão*, escreveu uma carta a Paulo Yakota, do Banco Central, Diretoria do Meio Circulante em Brasília. Trecho da carta:

"Ao preparar material para um artigo referente à situação do mercado internacional do ouro, fui compulsar as estatísticas das reservas-ouro do Brasil e constatei um fato que me intrigou. Na página 443 do último Anuário Estatístico do IBGE, tabela 3.10.12, consta, para o ano de 1967, a aquisição de 2 (dois) quilos de ouro "resultante da campanha Ouro Para o Bem do Brasil". Considerando ser uma quantidade sem dúvida inferior àquilo que foi presumivelmente recolhido na memorável campanha e, não desejando tirar nenhuma conclusão apressada ou leviana do surpreendente fato estatístico, pediria a V.S. a gentileza de elucidar-me sobre o real destino daqueles valores doados pela população."

Dia 5 de julho. Celso de Lima e Silva, chefe da Gerência do Meio Circulante, respondeu. Trecho:

"Tratando-se de matéria no momento pertinente ao Banco do Brasil, encaminhamos o assunto ao Departamento de Tesouraria daquele Estabelecimento de Crédito, solicitando àquele Órgão respondesse diretamente a V.S."

Dia 14 de julho, José Carlos Lebeis Soares, chefe do Departamento de Tesouraria do Banco do Brasil, escreveu ao jornalista. Trecho:

"Cabe-nos informar, a propósito, que o Exmº Sr. Ministro de Estado da Fazenda nomeou uma comissão para proceder a um levantamento e à apuração geral a respeito, trabalhos esses que se acham em andamento. Estando os bens já apurados aqui depositados, sob custódia, à ordem do Tesouro Nacional, sugerimos a V. S.ª entrar em contato com a Inspetoria Geral de Finanças do Ministério da Fazenda, que poderá, de forma oficial, prestar os esclarecimentos desejados."

Dia 25 de julho. O jornalista escreveu a Arthur Pereira, chefe da Inspetoria Geral de Finanças do Ministério da Fazenda, e no dia 9 de agosto

o Inspetor-Geral de Finanças escreveu ao jornalista:

"Senhor Editor: em resposta à carta de 25 de julho último, informo a Vossa Senhoria que o ouro mencionado à página 443 da última edição do Anuário Estatístico do IBGE é o resultado parcial dos objetos na espécie arrecadados no decorrer da Campanha, já fundidos e transformados em barras e que esta Inspetoria-Geral somente poderá se manifestar definitivamente sobre o assunto após a conclusão dos trabalhos a cargo da comissão designada pelo Senhor Ministro da Fazenda, que vem procedendo à apuração geral de todos os valores arrecadados. Valho-me desta oportunidade para expressar a Vossa Senhoria o meu elevado apreço."

Dois anos depois, o jornalista escreveu nova carta ao Inspetor-Geral de Finanças, para saber se a comissão já tinha apurado o ouro, quem fazia parte da comissão e se essas pessoas estavam disponíveis para entrevistas. Mas não recebeu nenhuma resposta do Inspetor até hoje, nem nunca mais pediu quaisquer esclarecimentos.

COORDENADOR SE LEMBRA DE UMA TONELADA DE OURO

Por favor você pode me ligar com o Dr. Enéas Assis.

Telefonista dos Diários — Você quer falar com o Dr. Enéas ou com o coronel Enéas?

Com o Dr. Enéas, um dos coordenadores da campanha "Ouro para o Bem do Brasil."

Enéas — Pois não. É Enéas. Foi uma campanha belíssima. Não é admissível que haja a menor dúvida sobre a campanha. 42 entidades femininas tomaram conta.

Mas é que, na época, muita gente falou e continua falando...

Enéas — O povo não sabe que nós não somos governo, não somos os dirigentes do país. Uma vez que entregamos o ouro arrecadado para a Casa da Moeda do Brasil, o responsável é o governo. É o presidente. Porque a Casa da Moeda é governo.

Vocês fizeram alguma sugestão para a utilização do ouro?

Enéas — Sim, fizemos três sugestões. A primeira, para que cunhassem moedas: O presidente da Casa da Moeda foi contra. Depois, pedimos que o governo construísse uma escola técnico-profis-



Foto de Amâncio Chiodi

Enéas Machado de Assis.

sional para a juventude sem recursos. O governo não fez. Depois, sugerimos que fosse entregue à Escola Paulista de Medicina, que estava mergulhada numa crise muito grande, mas o governo não aceitou. Soubemos, depois, que o ouro tinha sido doado aos ex-combatentes, pelo presidente Costa e Silva, e nunca mais soubemos do ouro. Nós só promovemos a campanha. Foi uma iniciativa dos Diários, repetindo a campanha de 1932 — "Ouro para o Bem de São Paulo."

Durante a coleta dos metais, aí nos Diários, não havia a possibilidade de alguém se apropriar de parte dele?

Enéas — Eu sei porque vocês estão fazendo essa reportagem, pelo menos foi o que me disse uma colega sua. É porque o Anuário Estatístico do IBGE, em 1967, fez constar apenas dois quilos de ouro como o montante arrecadado pela campanha. Isso é um absurdo porque eu tenho um relatório da Casa da Moeda, de dezembro de 64, que afirma ter recebido mais de uma tonelada de metal. Portanto, o que foi feito com o ouro eu não saberia dizer. Afirmando que, nos Diários, era impossível alguém botar as mãos nos cofres, pois eles eram policiados dia e noite por oficiais e soldados das três armas. Só se alguém assaltasse os cofres e a guarda! Asseguro que a campanha foi limpa. Agora, eu estranho muito que o IBGE tenha chegado apenas a dois quilos, porque o relatório da Casa da Moeda vai a mais de uma tonelada. Alguém, então, ficou com o ouro. Acho que você devia falar com o Nelson de Almeida Brum que, na época, era o diretor da Casa da Moeda e assinou um documento dizendo ter arrecadado mais de uma tonelada.



Saguão dos Diários Associados, em São Paulo. O começo da campanha.

Revista da época conta a festa das doações

400 quilos de ouro e meio bilhão de cruzeiros, anunciava a revista **O Cruzeiro**, de 13/06/64, sobre o sucesso da primeira semana da campanha "Ouro para o Bem do Brasil."

E dizia mais:

"O saguão dos Diários Associados de São Paulo foi invadido no dia da inauguração da campanha dos "Legionários da Democracia", por centenas de pessoas, que ali estiveram a fim de doar ouro."

A campanha foi aberta por Auro de Moura Andrade, presidente do Congresso Nacional. No dia 15 de junho, iria acabar o prazo dado pelo primeiro Ato Institucional para todas as cassações e suspensões de mandatos.

Era o tempo em que o AI-1 não tinha número.

O então governador de São Paulo, Ademar de Barros, esteve na inauguração. Diz **O Cruzeiro**: "Ademar de Barros doou, de livre e espontânea vontade, os 400 mil cruzeiros de seu salário de abril."

O presidente Castello Branco também participou. **O Cruzeiro**, de 25/07/1964, tem uma matéria com a manchete: "Presidente também dá ouro para o bem do Brasil". Castello havia dado um chaveiro de ouro, presente da esposa pela passagem do 40º aniversário de casamento.

A cifra, nessa edição de **O Cruzeiro**, já muda: fala-se em 377 quilos de ouro arrecadados.

Doações de autoridades foram muitas. Ney Braga e esposa ofereceram alianças de casamento. Magalhães Pinto deu caneta de ouro e anel de formatura. Conceição da Costa Neves depositou dinheiro arrecadado entre

deputados da Assembléia Legislativa paulista. Ela, Paulo Planet Buarque, Homero Silva, José Rosa da Silva e Blota Júnior estiveram nos Diários Associados para levar três milhões de cruzeiros dos deputados. Os funcionários da Assembléia Legislativa também colocaram à disposição um dia de salário.

A campanha correu o Brasil todo. No interior de São Paulo, era organizada pelos Rotary e Lions Clubes.

O **Diário de São Paulo**, de 18/6/64, traz o seguinte levantamento:

— 17 quilos de ouro, em Campinas.

— 12 quilos, de Araraquara.

— meio milhão de cruzeiros arrecadados em Marília, na primeira meia hora de Campanha.

— 48 quilos e meio de ouro, arrecadados no posto Odeon, do Rio de Janeiro, até às 17 horas do dia quinze de junho.

Jóias de grande valor não foram depositadas nos cofres. Ficaram expostas do dia 24 de junho, em diante, na Galeria Zarvos (centro de São Paulo). Foram avaliadas por Alfredo Carvalho Monteiro, Maurício Gobbaí, Sílvio de Paula Ramos, Ivone Vieira de Faria, Adherbal Figueiredo e Odilon Melchior. Depois de avaliadas, foram a leilão.

A campanha também recebeu doações de várias bilheterias de teatro. John Herbert, Eva Wilma e Elizabeth Hartmann cederam uma noite do espetáculo "Boeing-Boeing". O maestro Souza Lima e a pianista Guiomar Novaes tocaram pela campanha, no Teatro Municipal dia 15 de junho.



Na frente da Casa da Moeda, as senhoras da Legião Democrática, que ajudaram na organização e arrecadação

Para o país a campanha não adiantou

— Vou te contar uma coisa, que é bom nem publicar por causa da maledicência que foi feita em torno da campanha "Ouro para o Bem do Brasil".

Ainda durante a campanha, eu vinha descendo a rua Marconi (centro de São Paulo), quando uma senhora me parou e perguntou: O senhor não guardou nem um anel no bolso? Guardei, minha senhora, respondi. Eu e o Tico-Tico pegamos um cofre daqueles, colocamos nas costas e saímos correndo com ele pela rua Sete de Abril."

Maurício Loureiro Gama, o homem de cabelos brancos que apresentava a Edição

Extra, todo o meio-dia na TV Tupi, diz que não fez parte da campanha:

— Apenas trabalhei nela! — faz questão de dizer.

E como todos os entrevistados, Maurício Loureiro Gama se empenha em contar como os cofres eram bem guardados: o Exército mantinha soldados dentro do saguão e as senhoras democráticas faziam vigília ao lado deles.

A campanha valeu a pena, Maurício?

— Para um jornalista, sempre é bom, é notícia. Para o país, não adiantou nada. As pessoas, empolgadas, de-

positavam jóias e anéis, pensando que iriam ajudar o Brasil a pagar a dívida externa. A gente sabia que era um pouco de demagogia, que a dívida externa era muito grande. Tanto que todo o ouro e dinheiro arrecadados só serviram para dar uma inversão cambial. Em comparação com a dívida da Nação, o dinheiro se esvaiu em uma hora.

Mas quanto foi arrecadado?

— Isso eu não sei. O Edmundo Monteiro é quem tem o relatório publicado pelo Ministério da Fazenda, mostrando tudo o que foi recebido.



Na visita de Castello Branco à campanha, juntou gente na porta dos Diários.

EDMUNDO PERGUNTA: "EM QUEM VAMOS CONFIAR?"

Edmundo Monteiro é da presidência dos Diários Associados há 32 anos. Tem 48 anos de Diários, onde começou como office-boy.

— A idéia da Campanha foi minha, não, foi do Assis Chateaubriand. É minha e das senhoras pertencentes às entidades cívicas. Nós é que tínhamos de arcar com o ônus ou com o sucesso da campanha. A intenção era fazer um plebiscito popular sobre a Revolução. Uma reafirmação do sentimento do povo pela democracia, agora que se estava livre de um regime de esquerda. Nós queríamos que o dinheiro fosse destinado à construção de escolas. Mas isso o Castello Branco não aceitou. Ele queria destinar o dinheiro à construção de um hospital no Rio de Janeiro. Eu e as senhoras das entidades cívicas fomos a ele, para dizer que hospital não. Então, o dinheiro ficou imobilizado. Veio o Costa e Silva, que era meu amigo. Telefonei-lhe e informei da situação. Disse-me que ia estudar o caso. Ficou estudando até vir o general Médici. Com o Médici, nem falei. Depois soube, lendo o Diário Oficial que o dinheiro havia sido destinado à Associação dos Ex-Combatentes do Brasil. O

que também não deixa de ser meritório.

E onde está o relatório do Ministério da Fazenda?

— Está com o Enéas Machado de Assis. Eu não tenho nenhum documento da campanha. O Enéas tem um arquivo próprio, com tudo.

A gente está errado, em pensar que pode ter havido desvio do ouro?

— Se pensar nisso, está-se

pondo em dúvida as entidades cívicas paulistas, o Exército Brasileiro. Foi o Exército quem transportou o ouro dos Diários Associados até Santos, colocando-o no navio Tamandaré. E no Rio de Janeiro, foi o Exército quem o levou até a Casa da Moeda. Se a gente não acreditar nas Forças Armadas, nem nas entidades cívicas, vamos acreditar em quem?



Foto de Eliana Pastore

Edmundo Monteiro, o dono da idéia.

3.11.1.2 — Reservas-ouro — 1963-67

ANOS	RESERVAS (kg)					No fim do ano
	No início do ano	Compras			Vendas no exterior	
		Total	De minas nacionais	No exterior		
1963	244 784	11.353	—	11 353	2 529	253 608
1964	253 608	3 614	—	3 614	176 221	81 001
1965	81 001	6 029	595	4 434	30 235	55 795
1966	55 795	2 457	—	2 457	18 078	40 174
1967	40 174	745 (1)	—	743	765 (2)	40 154

FONTE — Banco Central do Brasil.

(1) Resultante da campanha "Ouro para o bem do Brasil". (2) Ouro do Tesouro Nacional depositado no Banco do Brasil, sendo 1 425 kg em seus próprios cofres, 38 711 kg no Federal Reserve Bank e 18 kg no Fundo Monetário Internacional.

Segundo o IBGE, o que entrou de ouro foram apenas dois quilos.

Comissão da Fazenda

apura total há 14 anos

É da Inspeção Geral de Finanças, do Ministério da Fazenda em Brasília?

Telefonista — Sim.

Eu gostaria de falar com o Dr. Arthur Pereira, inspetor geral de finanças.

Telefonista — Um momento, vou passar à secretária dele.

Por favor, o Dr. Arthur Pereira.

Secretária — Ele está em reunião. Qual é o assunto?

A reunião vai demorar?

Secretária — Acredito que sim. Mais meia hora, pelo menos.

Então, por favor, diga a ele que um jornalista precisa lhe falar com urgência. Anote meu telefone.

Vinte minutos depois o telefone da redação toca.

Dr. Arthur, em 1972, o senhor informou que os dois quilos de ouro assinalados no Anuário Estatístico do IBGE, da campanha Ouro para o Bem do Brasil, eram apenas o resultado parcial da campanha, que existia uma Comissão do Ministério apurando o total geral dos valores arrecadados. Como está o caso?

Arthur — Um momento. Eu assinei uma carta? Não estou lembrado, faz muito tempo.

O repórter lê a íntegra da Carta.

Arthur — Ah, sim. Bem, a comissão que vem procedendo à apuração dos valores arrecadados continua, por ordem do Sr. Ministro da Fazenda, fazendo um levantamento.

Mas há tanto tempo...

Arthur — Eu não estou muito a par da situação. O Carlos Brandão sabe melhor. O que eu sei é que

os pracinhas solicitarão e o presidente Geisel assinou uma Lei, no ano passado, doando parte dos recursos. Mas, como ainda está se fazendo um levantamento, o dinheiro não foi entregue.

Mas já havia um relatório da Casa da Moeda, de 1964, onde tudo o que foi arrecadado estava relacionado...

Arthur — Sim, mas a Comissão apura o montante total, de tudo o que foi arrecadado.

E onde está o ouro?

Arthur — Não tenho certeza, mas penso que no Banco do Brasil, no Rio.

Como dois quilos foram parar no Banco Central?

Arthur — Não sei. Talvez tenha ocorrido uma apropriação de dois quilos para as reservas. Para o exterior.

E os valores em dinheiro e cheques?

Arthur — Me parece que não se depositava dinheiro, cheques. Só metal. Não sei. Lembro que a campanha tinha o objetivo de pagar a dívida externa brasileira, o que não era possível com o montante arrecadado. Me recordo apenas de alguns fatos bizarros envolvendo um homem que todo mês depositava Cr\$ 0,20 para a União, no Banco do Brasil, para o Tesouro Nacional, como forma de contribuição. Ocorre que só com o papel que o Banco gastava havia prejuízo. Então, é um fato bizarro. Você pode falar com o Brandão, ou com o Barameda, que eles sabem como está toda a situação. Eu, confesso, lembro-me de fatos bizarros.

EX-COMBATENTES SÓ RECEBERAM Cr\$ 1 MILHÃO

É o general Plínio Pitaluga, do Conselho Nacional dos Ex-Combatentes?

— Sim.

General, nós gostaríamos de saber se, realmente, a Associação dos Ex-Combatentes recebeu parte do ouro arrecadado em 1964, na campanha "Ouro para o Bem do Brasil".

— Não. Aconteceu o seguinte: no tempo do governo Médici, o ministro Delfim Netto fez uma série de estudos para viabilizar essa possibilidade. Ocorre que no governo Geisel fez-se um reestudo da matéria. Nesse reestudo verificou-se que

havia outras implicações, pois necessitaria até da aprovação do Congresso para se efetivar a doação, que seria da ordem de 30 ou 40 milhões, não sei bem ao certo. Então, na impossibilidade, o presidente Geisel doou um milhão de cruzeiros ao Conselho Nacional de Veteranos e ao Conselho Nacional dos Ex-Combatentes — 500 mil para cada entidade — e o ouro continua no Banco do Brasil. Não recebemos nem vamos receber.

Nós só queríamos essa confirmação, general. Muito Obrigado.



Para a segurança do ouro, a proteção das Forças Armadas

Relatório tem muita grana e um violino raro

A Casa da Moeda fez, e entregou dia 23 de dezembro de 1964, o relatório geral de todas as arrecadações dos 13 Estados que participaram da campanha "Ouro para o Bem do Brasil". Resultado final, em dinheiro: Cr\$ 3.822.887.370,95, equivalente, hoje a Cr\$ 115.502.896,01. Em ouro fino arrecadaram-se 585 quilos e mais 208 quilos de prata fina, totalizando 1,3 toneladas de metal bruto. Na Bolsa da época, isso valia Cr\$ 1.046.442.236,70. Outros Cr\$ 2.776.445.134,25 vieram de cheques, cédulas, títulos ou moedas.

Foram arrecadados, ainda, pedras preciosas e semipreciosas (água marinha, pérola, ônix, safira, topázio, rubi, turmalina, ametista, brilhantes, diamantes, jade, jade coral, esmeralda, vidros brancos, granada, turquesa, cristal), um violino Stradivarius crucifixo de ouro, berloques, alfinetes de gravata, relógios, porta-termômetros de ouro, 115 francos africanos, 50 mil marcos alemães, dois mil dólares, 50 copeques russos, cinco yen chineses, uma libra libanesa, nove mil libras italianas, seis libras esterlinas, etcétera, etcétera.

DIRETOR DO BANCO DO BRASIL CONFIRMA O QUE NEM DISSE

Alô. Eu gostaria de falar com o Dr. Carlos Brandão.

— Um momento que vou passar a ligação para o chefe de gabinete, Dr. Paulo Sérgio.

Dr. Paulo, nós gostaríamos de alguns esclarecimentos do Dr. Brandão sobre a campanha "Ouro para o Bem do Brasil". Ele poderia nos atender?

— Olha, ele está em reunião. Não posso retirá-lo da reunião. Mas posso te dizer que ele nada mais tem a acrescentar sobre o assunto.

Mas, acrescentar o quê?

— Ele não tem mais nada a acrescentar ao que foi dito.

Mas ele sequer nos atendeu?

— Sim, mas não posso retirá-lo da reunião. Falei com ele sobre o assunto e ele informou que nada mais tem a acrescentar.

E você, saberia me dizer se existe alguma comissão do Ministério da Fazenda trabalhando no Banco do Brasil para a apuração do ouro?

— Não tem não, viu? A informação não é oficial, mas não tem.

Comandante ocupado tira o seu da reta

Por favor, eu gostaria de falar com o Dr. Nelson de Almeida Brum, mas não sei se ele continua trabalhando aí. Ele era o diretor da Casa da Moeda, em 1964.

Telefonista da Casa da Moeda — Ele ainda é diretor. Um momento.

Por favor eu gostaria de falar com o Dr. Nelson Brum.

Secretária do Dr. Nelson — Ele agora está numa reunião. Qual é o assunto?

Eu sou do jornal *REPORTER* e estou fazendo uma matéria sobre a campanha "Ouro Para o Bem do

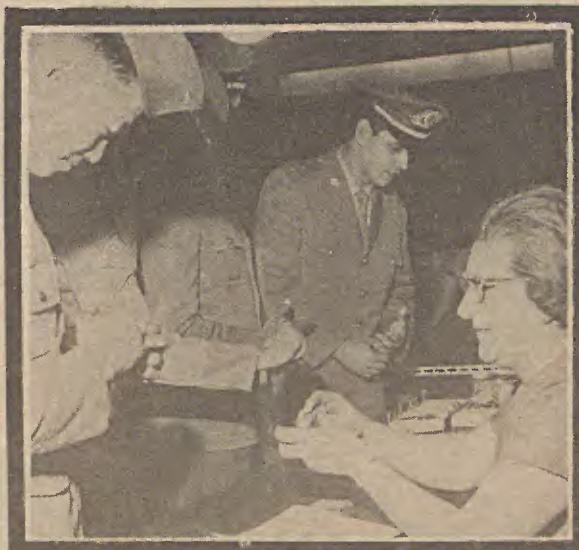
Brasil" e preciso falar com ele.

Secretária — Ah, o ouro está no Banco do Brasil.

É que existem alguns fatos estranhos. Como dois quilos de ouro foram parar no Anuário do IBGE, tendo o Banco Central como fonte?

Secretária — Ah, está no Banco do Brasil, ou no Ministério da Fazenda. Fale com eles, tá? Aqui não temos nada e o Comandante Brum está em reunião e não pode atendê-lo.

João de Barros e Márcia Guedes



Momento solene: o soldado entrega a aliança à senhora da Legião Democrática

TALVEZ O OURO ESTEJA NO COFRE DO BANCO OFICIAL

Dr. Roberto Colim, aqui é do jornal *REPORTER*. Eu gostaria de saber quais foram os resultados da campanha "Ouro Para o Bem do Brasil", de 1964.

Roberto — O ouro está todinho aqui no Banco do Brasil. Pode ficar tranquilo. Está tudo aqui nos cofres. O ouro foi doado para o Tesouro Nacional e está depositado aqui.

Como dois quilos do ouro foram parar no Banco Central?

Roberto — Isso eu não sei dizer.

Mas o IBGE afirma que dois quilos foram para as reservas-ouro, em 1967.

Roberto — Olha, quem pode esclarecer tudo é o diretor financeiro do Banco, Dr. Carlos Brandão, em Brasília.

Existe alguma comissão do Ministério da Fazenda fazendo um levantamento do ouro, aí no Banco?

Roberto — No Banco do Brasil, não creio.

Mas o inspetor de finanças do Ministério da Fazenda, Dr. Arthur Pereira, disse que havia uma Comissão fazendo o levantamento do ouro há mais de seis anos...

Roberto — Sinceramente, não sei. O ouro foi transformado em barras. Talvez haja a Comissão. Não posso te dar uma resposta definitiva se ela trabalha aqui ou não, na dita apuração. Fale com o Dr. Carlos Brandão, em Brasília. Ele sabe de tudo.

OS PRISIONEIROS
RUBEM FONSECA
3.ª EDIÇÃO
350 p. Cr\$ 150,00

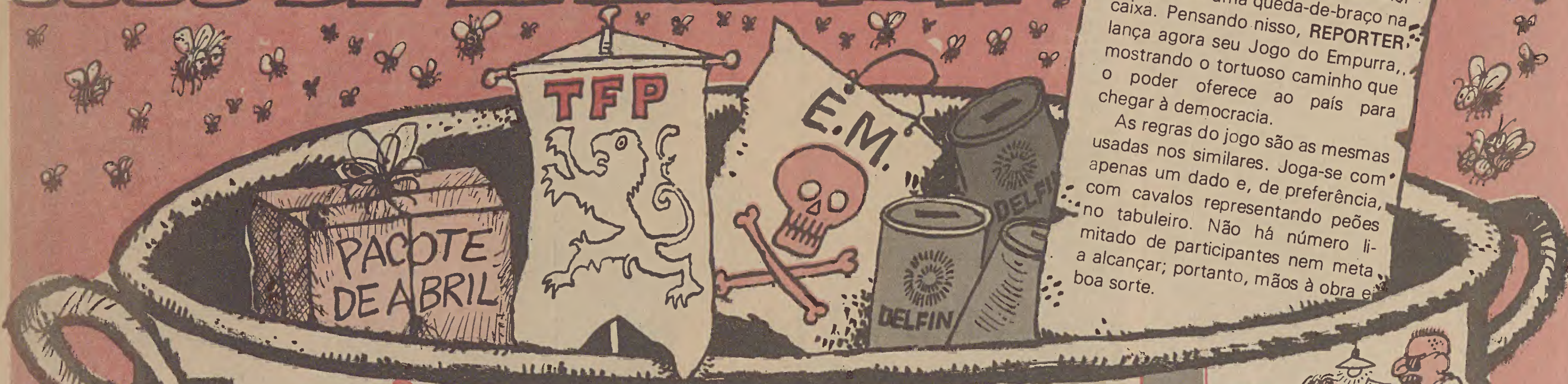
BEBEL
QUE A CIDADE COMEU
IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO
2.ª EDIÇÃO
120 p. Cr\$ 65,00

DOIS SUCESSOS DOS ANOS 60!

DEPOIS DE ESGOTADOS 10 ANOS, EM TODAS AS LIVRARIAS E AEROPORTOS DO BRASIL!

PENA QUE O PASQUIM NÃO SEJA A CORES PRA MOSTRAR TODA A BELEZA DAS CAPAS DE RAFAEL SIQUEIRA (OS PRISIONEIROS) E DE URIAN (BEBEL)

JOGO DE EMPURRA



Foi lançado nos Estados Unidos, há pouco mais de um mês, o jogo chamado "Luta de Classes", com Karl Marx e Nelson Rockefeller disputando uma queda-de-braço na caixa. Pensando nisso, **REPORTER**, lança agora seu Jogo do Empurra, mostrando o tortuoso caminho que o poder oferece ao país para chegar à democracia.

As regras do jogo são as mesmas usadas nos similares. Joga-se com apenas um dado e, de preferência, com cavalos representando peões no tabuleiro. Não há número limitado de participantes nem meta a alcançar; portanto, mãos à obra e boa sorte.

1
2
3
Parabéns! Você começou bem. O sindicato de sua classe incentiva uma greve para obter 10% de aumento salarial. Como não vai trabalhar, você joga o dado outra vez.

4
5
Você acabou de comprar um fusca novinho e ouve no rádio que a gasolina passou para Cr\$ 8,40 o litro. Um mau começo. Volte ao ponto de partida e acompanhe pelos jornais as falências de postos de gasolina durante três rodadas.

6
Você começou na frente, mas seu candidato, além de banqueiro, não tem estrela. O pior é que você o apóia publicamente. Como castigo, fique nesta casa até tirar no dado o número um. Então anda uma casa, mas para trás.

7
8
Seu patrão concede aumento sob pressão, mas você descobre logo que 10% é o que se dá ao garçom a título de gorjeta. Refaça seu orçamento doméstico e espere duas rodadas para sair do lugar.

9 **10**
11
Um general a cavalo passa pela sua casa xingando todo mundo e ameaçando transformar o país numa democracia. Você fica confuso e sente o perigo. Jogue outra vez rapidamente.

12
13
Um parente mais novo de sua mulher visita sua casa e lhe vende uma assinatura de um jornal nanico. Fila o almoço e conta histórias terríveis de tortura e corrupção. Indignado, você multiplica por três o número que tirou no dado e segue em frente.

35
Você acaba de receber um ano de salário de presente por ter ajudado a "andar depressa" um projeto de financiamento. Volte à casa nº 1 e vê se aprende o caminho certo.

36 **37**
38 **39**

40
Falsos dados estatísticos oficiais deixam seu salário reduzido à metade em termos de poder aquisitivo. A solução é arrumar mais um emprego e, portanto, você não tem tempo para este jogo. Fique de fora até a situação melhorar.

5
Os ex-participantes que foram eliminados nas casas anteriores, podem agora reingressar na casa nº 5. Informações na casa nº 29, fundos.

41 **42**
43

O governo reafirma que não há tortura no país e você sente fortes dores nos rins. O médico lhe recomenda três rodadas de repouso absoluto.

44 **45** **46**

47
Depois de longo esforço (delação, fofocas, intriga, pressões) você consegue que seu superior hierárquico no trabalho seja demitido e ocupa-lhe o cargo. O jogador mais próximo de você deve voltar à casa nº 1. Caso haja dois ou mais jogadores à mesma distância, todos voltam e você avança cinco casas.

48 **49** **50**

14 **15** **16** **17**
Dezenas de colegas de trabalho são demitidos por causa da greve que fizeram. O sindicato protesta e você tem que trabalhar dobrado para manter o ritmo de produção que o patrão impõe. Não tem tempo para jogar durante duas rodadas.

34
O general a cavalo passa por você na rua e o cumprimenta com forte aperto de mão. Você tem que usar gesso até o cotovelo durante três rodadas, o que, no entanto, não o impede de jogar o dado. Foi só uma advertência.

59 **60** **61**

62
Não substima seus adversários. Dia benéfico para fechar bons negócios. Cuidado com uma dor de garganta, procure falar menos. No amor, você poderá encontrar a pessoa que tanto procura. Cor — cinza escuro, número — 63. Avance até lá.

63 **64**

Dizem que nem tudo está perdido, mas não confie muito. Grossas nuvens cobrem o céu de abril e as tropas estão nas ruas. Como a situação é preta, você volta correndo à casa nº 1 e recomeça o jogo, na esperança de terminá-lo na casa nº 78.

51
O presidente do seu sindicato convida o ministro do trabalho para uma comemoração muito aguardada pela classe. Você se sente enganado e volta à casa nº 52 para pensar um pouco. Uma rodada sem jogar.

52
O general simpático procura apoio em generais antipáticos demais. Seis pessoas são presas em Brasília e uma empresa multinacional aumenta em 50% a produção de tinta spray para a extrema-direita. Como você é assinante daquela jornalzinho, vá correndo para a casa nº 60, onde a situação deve melhorar.

21 **22** **23**
Uma organização de extrema-direita invade a sede do jornalzinho que você recebe e rouba a lista de assinantes. Sua casa passa a ser vigiada e você diz à mulher que não quer mais saber de seus parentes subversivos. Mude-se imediatamente para a casa 25.

31 **32**
Você assina um papel a favor da anistia ampla, geral e irrestrita e é acusado pelos órgãos de segurança de comunista. Fique duas rodadas depondo e depois volte ao jogo.

58
Se houver alguém na casa seguinte, vá para lá. Os dois deverão ler nos jornais todas as notícias políticas e regressar à casa 50, de onde retornarão somente depois de duas rodadas. Caso a casa 60 esteja vazia, retorne à casa nº 40.

57 **56** **55** **54** **53**

52

51

50

49

48

47

46

45

44

43

42

30
Um general muito simpático cruza seu caminho sorrindo e falando em Assembléia Constituinte. Você entra no bloco que vai atrás dele até que vê seu patrão lá no meio. Confuso, volta para a casa nº 23 e joga o dado novamente.

29
A extrema-direita coloca uma bomba no carro de um advogado e ela explode na hora em que você está passando perto. Sorte madrastra: quatro rodadas internado, sem poder sequer jogar o dado.

28

27

26
Você está muito mal de saúde e procura um posto do Inamps. Como não é atendido, seu estado piora e você morre. Como mortos não participam do jogo da democracia, peça para ser enterrado perto do Juscelino e boa sorte no além.

25

24
Você está jogando no touro quando a PM estoura o ponto do jogo do bicho. Você é preso, espancado em plena rua e passa dois dias sem comer numa cela imunda, até que um tenente de nome Cornélio o libera, depois de fazê-lo assinar um papel comprometendo-se a jogar na loteria esportiva toda semana. Deu macaco na cabeça, por isto fique uma rodada sem jogar.

23

22

21

O MELHOR SHOW DE ECONOMIA



Batedeira na Casa Garson: taxa de juros de 149,99% por ano

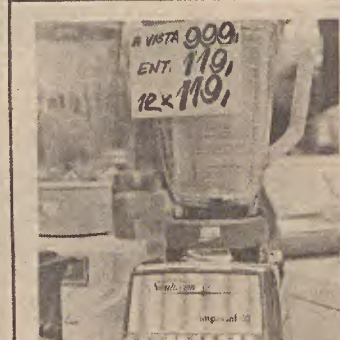


Por: **1.790,00** ou **24x 149,90** mensais a entrada.

Anúncio publicado no Globo, domingo 3 de setembro: conjunto Novo Horizonte na Ultralar custa 126% de juros por ano em 24 prestações



TV a cores, pequena entrada de Cr\$ 1367 e juros de 150% em 12 prestações.



No último dia 5 de setembro, a Casa Garson cobrava juros de 184% ao ano por este liquidificador Sunbeam



Enceradeira a prazo em 12 vezes: nada menos que 150% de juros ao ano

Compre 1 aspirador no crediário e pague 4

As lojas de crediário estão cobrando juros entre 100 e 200% ao ano para venderem a prazo aparelhos eletrodomésticos, roupas e móveis. Tem loja cobrando até mais de 400% ao ano para financiar um aspirador de pó e 556% por uma cama dupla.

Quem descobriu os números da verdadeira agiotagem que os comerciantes e as

financeiras estão praticando contra os consumidores foram os economistas Daniel Ribeiro de Oliveira e Clovis de Faoro que fizeram um levantamento das taxas de juros do sistema de crediário em 270 planos de pagamento de 18 cadeias de lojas durante o último mês de julho, no Rio de Janeiro, para o Instituto dos

Economistas do Estado.

Nas 18 cadeias de lojas examinadas pelo trabalho, 12 cobravam juros de até mais que 150% ao ano, 10 cobravam mais de 200% e 3 cobravam mais de 300%.

Nas tabelas preparadas pelos economistas são apresentados 50 planos de pagamento obtidos

com visitas diretas às lojas ou através de anúncios publicados nos jornais de domingo. Esses planos foram considerados os mais típicos das lojas em questão ou os melhores para exemplificar as grandes variações das taxas cobradas por um mesmo estabelecimento.

Alguns jornais da grande imprensa

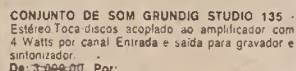
publicaram resumos do trabalho mas omitiram o nome das lojas para não perderem os anunciantes. Em Brasília o ministro da Fazenda, Mario Henrique Simonsen, prometeu que o governo vai fixar taxas máximas de juros para os crediários e punir as lojas que cobrarem acima da tabela. A coisa, porém, ainda está em estudos.

GARSON: 414% POR UM ASPIRADOR

Loja	Artigo	Preço a Vista	Entrada	Prestações Mensais		Taxa Anual de Juros
				Número	Valor	
BRASTEL	Geladeira Climax	3.720,00	—	24	335,00	134,74
	TV (Cor) Philco 26"	15.680,00	—	24	1.415,00	135,53
	TV (Cor) Telefunken 26"	19.965,00	—	5	4.751,00	103,28
BEMOREIRA	Grupo Estofado Espinado	7.860,00	—	12	997,00	128,78
	TV (Cor) SANYO 20"	14.430,00	1.565,00	17	1.565,00	200,75
	TV (Cor) SANYO 20"	14.430,00	3.000,00	18	1.277,00	171,22
CARREFOUR	TV (Cor) Philips K220 26"	16.251,00	—	12	1.918,00	96,93
	Gelad. Brastemp 360	6.153,00	—	12	726,00	97,71
GARSON	TV (Cor) Philips K220 26"	17.000,00	4.970,00	3	4.970,00	271,22
	TV (Cor) Philips K220 26"	17.000,00	2.900,00	10	2.260,00	202,07
	Gelad. Consul mod. Maxi	4.350,00	504,00	12	504,00	145,18
	Aspirador Arno	1.580,00	600,00	2	600,00	414,73
	Fogão Semper Aquarius	1.988,00	160,00	24	160,00	126,23

CAMA NO PONTO FRIO: 556% DE JURO

Loja	Artigo	Preço a Vista	Entrada	Prestações Mensais		Taxa Anual de Juros
				Número	Valor	
GELLI	Cadeira	2.628,00	584,00	4	584,00	91,42
	Buffet	7.182,00	1.596,00	4	1.596,00	91,42
HELAL	Fogão Tropicana	1.520,00	226,00	9	226,00	219,02
	TV (Cor) Telefunken 26"	15.450,00	2.000,00	12	2.019,00	229,96
INSINUANTE	TV (Cor) Telefunken 26"	15.450,00	4.250,00	3	4.250,00	119,48
	TV (Cor) Telefunken 26"	15.450,00	4.250,00	4	2.100,00	176,96
MÓVEIS PRÁTICOS	Mesa — Aço e Vidro	8.925,00	250,00	9	250,00	180,65
	Cadeira de aço	1.750,00	250,00	9	250,00	180,65
MESBLA	TV (Cor) Philips K220 26"	17.299,00	5.767,00	2	5.767,00	0
	TV (Cor) Philips K220 26"	17.299,00	—	12	2.206,00	131,36
PONTO FRIO	Máq. Lavar Brastemp	7.899,00	—	12	1.008,00	131,62
	TV (Cor) Philips K220 26"	15.770,00	1.998,00	11	1.998,00	173,02
	Refrig. Brastemp Duplex	9.770,00	1.350,00	9	1.350,00	152,94
	Estante Córdoba	11.440,00	1.002,00	23	1.002,00	150,42
	Cama Dupla Nina	2.480,00	—	3	1.122,00	556,66
	Cama Dupla Nina	2.480,00	—	24	219,00	129,04



2.190,

ou 12 x **273,**
mensais s/entrada

REFRIGERADOR
CONSUL 3515
Maxi-super 340 litros.
·Amplio congelador.

A VISTA
5.980,
OU 12 x
759,

Fogão Solar
Econômico 3020,
com 4 bocas. Forno
com capacidade 633
litros e 1000 do Novo
ponto de partida: melhora
ou emenda.
Sem Entrada
12 x 258,
À Vista
1.990,

15 ANOS BRASTEL
A PREÇOS DE

$$200a(3 + a)$$

$$2na + 3n + 3$$
$$\frac{200 \times 0,2308 \times (3 + 0,2308)}{2 \times 4 \times 0,2308 + 3 \times 4 + 3} = 8,85\%$$
$$\begin{aligned} \text{Taxa anual de juros} &= 100 (1 \\ &= 100 \left(\frac{1 + \text{taxa mensal de juros}}{100} \right)^{12} - 100 = \end{aligned}$$
$$= 100 \left(1 + \frac{8.85}{100} \right)^{12} - 100 = 176.66\%$$
$$100 \times \left(\frac{100 + \text{taxa anual de juros}}{100 + \text{anual de inflação}} \right) - 100 =$$
$$= \left(\frac{100(100 + 176.66)}{100 + 40} \right) \cdot 100 = 97.61\%$$

Na fórmula de Evans, a letra **a** representa a proporção de juros pagos em relação ao valor realmente financiado pelo crediário; a letra **n** representa o número de prestações em que o crédito foi dividido.

MAQUINA DE ESCREVER "JOVEM REMINGTON"

De: ~~3.000,00~~
Por: **2.390,** ou 12 x **285,**

mensais s/entrada

* Grátis um moderno isqueiro a gás de chama regulável; recarregável; de aço inox. Poderá ser usado como isqueiro de bolso ou de mesa.

Loja	Artigo	Preço a Vista	Entrada	Prestações Mensais		Taxa Anua de Juros
				Número	Valor	
SEARS	TV (Cor) Sharp 20"	14.880,00	—	36	1.038,00	105,13
	Geladeira Sears	8.599,00	—	36	600,00	105,13
TELE-RIO	TV (Cor) Philips K220 26"	15.900,00	6.996,00	6	2.119,79	259,42
	TV (Cor) Philips K220 26"	15.900,00	6.996,00	12	1.269,77	194,55
ULTRALAR	TV (Cor) Philco 26"	14.590,00	—	12	2.220,00	240,14
	Gelad. Consul mod. 17	4.190,00	—	12	680,00	294,21
TAMAXAVY	Gelad. Consul mod. Maxi	6.300,00	2.000,00	12	730,00	338,08
	Gelad. Consul mod. Maxi	6.300,00	2.000,00	18	550,00	240,88

Loja	Artigo	Preço a Vista	Entrada	Prestações Mensais		Taxa Anual de Juros
				Número	Valor	
SEARS	Terno	1.659,00	—	12	214,00	137,12
	Terno	1.772,00	—	18	166,00	119,23
JOSÉ SILVA	Terno	3.000,00	1.000,00	2	1.000,00	0
	Terno	3.000,00	840,00	3	840,00	155,20
5ª AVENIDA	Terno	3.000,00	1.200,00	2	900,00	0
	Terno	3.000,00	1.050,00	3	810,00	283,79
TAVARES	Terno	2.400,00	600,00	3	600,00	0
	Terno	2.400,00	504,00	5	504,00	224,27

O CONTO DA CASA PRÓPRIA

O CONTO:
VOCÊ COMPRA O
MONTEPIO CRENTE QUE TERÁ CASA
PRÓPRIA POR Cr\$ 200 AO MÊS. NÃO PERGUNTAM
SUA RENDA MENSAL, NADA, NADA. COMO A CASA DEMORA
A SAIR, VOCÊ RECLAMA. SÓ AÍ LHE DIZEM QUE NÃO É BEM ASSIM:
VOCÊ COMPROU UMA APOSENTADORIA. PRA TER A CASA, PRECISA
DE UMA BOA RENDA MENSAL E ESPERAR QUE SE FORME UM GRUPO
DE COMPRADORES, SE NÃO, NADA FEITO.

Montepio fica rico vendendo só papel

O Montepio dos Trabalhadores na Indústria de Energia Elétrica (Montiene) é uma tremenda arapuca pra tirar o dinheiro do trabalhador, vendendo planos de aposentadoria como eles dessem direito imediato à casa própria. O REPORTER recebeu várias queixas de pessoas que já tinham entrado para o Montepio e foi ver como era a coisa. Fomos três vezes à sede do Montiene na avenida Marechal Floriano, no Rio de Janeiro. Na primeira, a repórter disse que se interessava pelos planos para a sua empregada e ouviu a recepcionista lhe dizer que o

projeto de Campo Grande, o Jardim Maravilha, já estava chamando os interessados. Fomos a Campo Grande e descobrimos que a promotora de vendas do Montiene no bairro, a Moeda Assessoria Financeira e Técnica, fora despejada das salas que ocupava por não ter pago o aluguel. Além disso a dona do terreno do Jardim Maravilha, a empreiteira Obrasin, afirmou que o contrato com o Montiene tinha sido rescindido.

A segunda visita ao Montiene, foi feita pela empregada doméstica Maria

José Lima que, a nosso pedido, pediu informações sobre o montepio e a casa própria. A recepcionista falou sobre o projeto de casas na Rua Camarista Méier, no Méier, sobre a pensão e mandou Maria se apressar porque as casas estavam quase todas vendidas. Fomos ao Méier e verificamos que não há nenhum projeto Montiene na tal rua. O montepio, na verdade, comprou um terreno numa encosta do morro do Jardim Boca do Mato, bem acima da rua Camarista, num local que não dá nem para ter água encanada. A Associação dos

Moradores do bairro recomendou que ninguém comprasse os lotes.

Na terceira visita ao montepio, agora nos identificando como repórteres, pedimos para falar com o responsável pela carteira habitacional do montepio, a Chamont. Foi um Deus nos acuda, não tem ninguém, volta amanhã, o diretor não está, ninguém fala sem autorização do presidente, até que o superintendente do Montiene, General Antônio Barreto Lemos, nos atendeu para dizer entre outras coisas, que o montepio não faz

propaganda da casa própria, nem corretor ou promotora de vendas. "Não vendemos casa própria nem fazemos propaganda disso para vender os carnês da aposentadoria," explicou ele, sem dizer porém porque até a marca do Montiene é o desenho de uma casa e porque eles continuavam a anunciar a obra em Campo Grande quando a dona do terreno tinha dito que não há contrato nenhum com o Montiene. O general reconheceu que "tem muito corretor desonesto e quem compra o montepio sem ler o regulamento, está sendo enganado porque quer."

Depois de 2 anos, Laura só tem a carteirinha

Empregada doméstica conta como foi enganada. Até agora, em vez das chaves da casa própria, só recebeu um diploma de sócia do montepio.

Qual o motivo que te levou a entrar de sócio da Montiene?

— Foi uma amiga minha, a Lidia, que tinha um irmão que havia feito a inscrição. Eles disseram que a gente fazia a

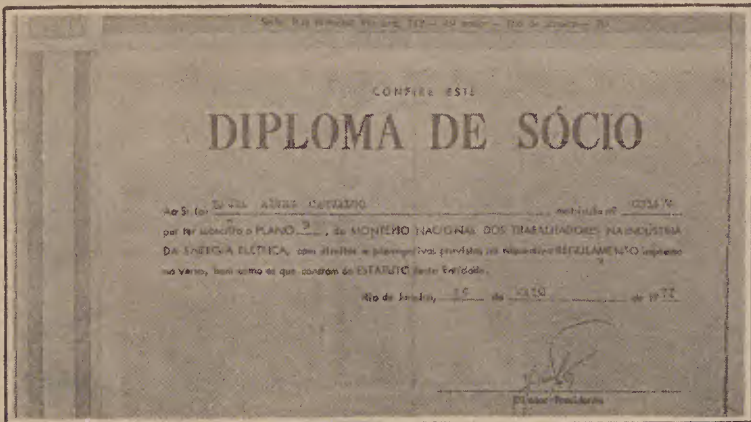
inscrição pagando Cr\$400,00 e no mês seguinte começava a mensalidade que era de Cr\$ 208,00. As obras, eles diziam que começava depois de um ano e meio, dois anos. Então, quando a obra começasse a gente deveria pagar mais, dependendo do plano, o meu plano, era D, numa base de Cr\$ 1.200,00.

Vamos por partes: eles disseram que o plano dava direito a adquirir uma casa?

— É, tudo isso é pra comprar uma casa. Eles diziam que a gente fazia aquela inscrição, ficava pagando e quando eles começassem a obra eles mandam carta pra gente avisando das reuniões.

Eles perguntaram em que lugar você queria a casa?

— Eles perguntaram mas não ofereceram muita escolha não. Disseram que tem na Penha, em Piedade, em Inhaúma e no Méier. Então a gente vai e escolhe.



O diploma manda consultar o estatuto que o montepio promete remeter ao sócio. Mas nenhum dos sócios entrevistados recebeu estatuto algum.

Você chegou a ver alguns desses terrenos?

— Eu não fui porque o Antônio, irmão da minha amiga Lidia, já tinha ido e ele falou que era tudo direitinho, que falou com gente que já tá morando, que recebeu casa da Montiene e já está morando. As pessoas que o Antônio falou disseram que foi tudo

certinho, com um ano e meio receberam o apartamento.

Que dia você entrou de sócia?

— Foi no dia 16 de novembro de 76. Depois desse dia eles mandaram pra mim uma carta perguntando se eu preferia ficar naquele lugar onde havia marcado primeiro

ou se queria mudar. A gente podia escolher, por exemplo, ou no Méier ou na Penha, e no lugar que sair primeiro a gente pode ficar.

E você chegou a voltar lá?

— Voltei. Até pra reclamar da carta que eu não tinha recebido, eles disseram que tinham mandado a minha carta — e me deram uma carteirinha dentro de um papel. Aí eu passei minha inscrição para essa tal casa da Camarista Méier.

Ainda era o Montiene ou já era a Chamont?

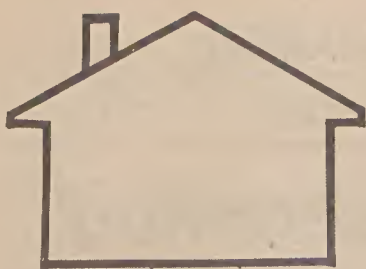
— Já era a Chamont.

E como eles justificaram a saída do Montiene?

— Bem, aí eles não falaram nada.

Eles explicaram o que é a Chamont, se é imobiliária, empresa de vendas?

— Eles disseram que é dos trabalhadores da energia



**MONTIENE DIZ QUE PROJETO DE CAMPO GRANDE COMEÇA LOGO.
MAS LÁ, ELE NÃO TEM MAIS NEM TERRENO PRÓPRIO.**

O plá é sempre anunciar casa pro fim do ano

elétrica. Disseram que é a mesma coisa que o Montiene, que ela passou pra esse Chamont, que também virou montepio.

E eles deram algum prazo pra entregar a casa?

— Não a última vez que eu fui lá eles não me deram prazo.

Mas já tinha passado um ano e meio.

— Não, ainda não tinha um ano, fez um ano em novembro passado. Mas agora já está fazendo dois anos, em novembro faz dois anos que eu fiz a inscrição.

Eles mandaram mais alguma comunicação?

— Não.

Sabem onde você mora?

— Sabem.

Você alguma vez leu o estatuto do montepio? É o regulamento, aquele regulamento onde eles estabelecem as exigências, obrigações e direitos que o sócio tem. Você viu isso?

— Não.

Alguma vez te falaram de outros benefícios que o montepio daria, como pensão pros filhos e aposentadoria?

— A única coisa, tá tudo escrito no carnê, é que a gente vai pagando e depois que receber o imóvel tem direito a esse dinheiro que estamos pagando. Que nós podemos ir lá reclamar, que nós temos direito a essa mensalidade que estamos pagando agora como sócio.

Em que casos você tem direito a receber isso?

— Depois que a gente receber o imóvel, que aí nós vamos pagar o imóvel. Que a gente agora não tá pagando o imóvel — é o que eles dizem — que nós tamos pagando uma mensalidade de sócio. Depois de receber o imóvel então aí sim a gente vai pagar o imóvel como se fosse um aluguel. Eles dão o exemplo da caderneta de poupança.

Você assinou algum documento?

— Assinei lá o meu nome, num papel que tá escrito as coisas que eles explicam pra gente.

Você tem cópia disso?

— Só tenho a carteirinha que tem o meu nome e o resto fica tudo lá.

E atrás dessa carteirinha, tem algum regimento?

— Não tem nada não. Só um papel que uma vez eles perguntaram se eu não queria ficar pagando mais que Cr\$ 208, ou se eu preferia combinar depois, então ficou assim, a combinar. Saindo a minha casa eu combino com eles quanto eu vou pagar — eu só não queria ficar pagando Cr\$ 600 ou Cr\$ 800 desde agora.

No escritório do Montiene a repórter pede informações sobre o montepio. Não se identifica como jornalista; diz apenas que está interessada em comprar um plano para sua empregada. A recepcionista fala sobre os benefícios recebidos pelos associados. Dá um destaque especial à carteira habitacional Chamont — Do Projeto à Realidade — afirma, repetindo o que está impresso no prospecto.

Dizendo isso, passa imediatamente para a carteira habitacional.

— A carteira tem o objetivo de facilitar a aquisição da casa própria — mais uma vez repete o que está escrito no prospecto — e para isso elabora projetos. Exige somente que o associado tenha uma renda familiar acima de Cr\$ 3 mil. Quando a pessoa se associa ao Montiene preenche uma ficha, que especifica suas preferências por bairro, tipo de moradia, tamanho do imóvel, etc. Fazendo isso ela está inscrita na Chamont, aí é só esperar por um projeto que esteja de acordo com sua renda.

E quanto tempo ela espera?

— Isso depende dos planos que a Chamont vai elaborar.

E como ela vai pagar o imóvel?

— A entrada da casa é paga durante os dois anos em que a Chamont leva para construí-la. Ao receber as chaves a entrada já estará paga a ela terá 18 anos para pagar o imóvel. Só que como ela é associada do Montiene, na verdade só vai pagar as prestações da casa durante oito anos; os outros dez o montepio paga para ela.

Como assim?

— Como ela fez um plano de aposentadoria, daqui há dez anos estará recebendo a pensão; essa pensão vai servir como complemento do pagamento da casa própria.

Vocês têm algum projeto sendo feito?

— Temos um de casas em Campo Grande para o que a carteira já está convocando nossos associados. Temos um no Méier, que vai ser entregue no final do ano, e o próximo será em Vila da Penha. Já entregamos um em Engenho de Dentro e um de apartamentos no Méier.

Corretora sem venda foi até despejada

Em Campo Grande a sala onde seria o escritório do Montiene (Coronel Agostinho 81, sala 204) está vazia. No quadro de avisos encontram-se alguns prospectos do montepio, um mapa do Jardim Maravilha (que seria o projeto da carteira habitacional Chamont), e uma conta de luz que acusa o não recebimento do pagamento dos meses de junho e julho. O interessante é que essa conta está em nome de Moeda Assessoria Financeira e Técnica Ltda., e uma das características do Montiene, que faz assegurar a aquisição de imóveis mais baratos, é o fato de não utilizar firmas intermediárias.

Perguntando na butique ao lado o que tinha acontecido com o escritório, a senhora respondeu:

— Há uns dois meses que a sala está vazia, eles fizeram mudança e levaram tudo.

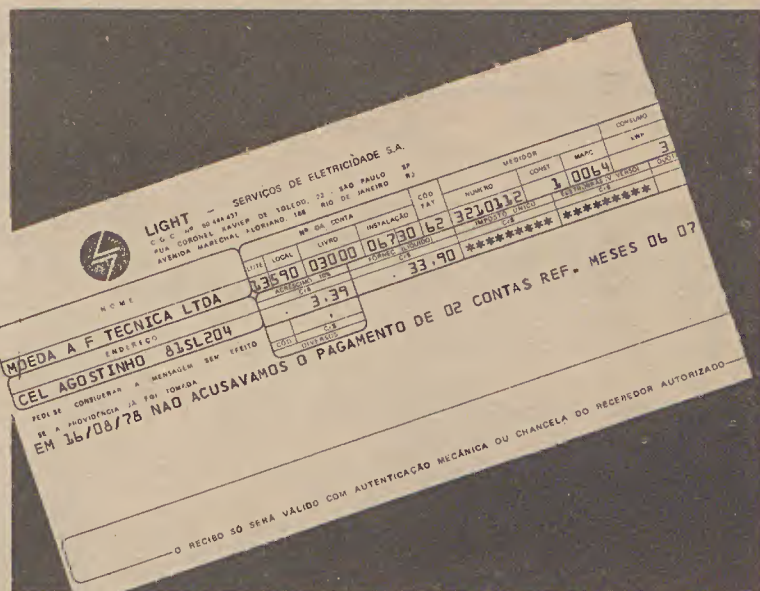
A senhora sabe para onde eles mudaram?

— Olha, não me comprometa. Eu não sei de nada, o que o senhor perguntar eu nego.

E que nós estávamos interessados em comprar um plano do Montiene para uma moça que trabalha lá em casa, como estávamos passando por aqui...

— Olha moço, o senhor gosta dela? Então não faça isso. Eles foram despejados. Muita gente veio reclamar aí, parece que muitos perderam dinheiro. Onde o senhor pode se informar melhor é na Olímpica Imóveis, porque foram eles que alugaram a sala.

Dr. Luiz, advogado da Olímpica Imóveis, confirma a informação do despejo. Diz que foi a Moeda Assessoria a firma despejada, e explica que ela era representante do Montiene em Campo Grande.



Antes de ser despejada, a Moeda, não pagava mais nem a luz da sua sala.

"VAI RÁPIDO DONA MARIA, SE NÃO ACABA"

As informações que são dadas a Maria José de Lima, empregada doméstica, são um pouco diferentes. A recepcionista limita-se a dizer que há um projeto de casas sendo construído em Camarista Méier, e que para ela poder comprar só precisa trazer CPF, Carteira de Identidade e pagar uma taxa de Cr\$ 400.

— As prestações são de Cr\$ 208.

A recepcionista diz ainda que depois de 10 anos ela vai receber uma espécie de aposentadoria, e que deve resolver logo, porque as casas já estão quase todas vendidas.

Em momento nenhum ela fala sobre os benefícios a que Maria terá direito. Limita-se a falar sobre a casa, já que foi sobre isso que ela pediu informações. Se Maria não tivesse sido avisada, sairia do Montiene achando que ia comprar uma casa própria e não um plano de aposentadoria.

O processo de número 95814 correu na 8ª Vara Cível e a ação foi distribuída em 30 de junho. O mandato foi junto no último dia 10 de agosto, e como até o dia 25 (prazo final), a firma não compareceu para pagar a dívida, fatalmente a ordem de despejo seria assinada. De acordo com os dados do processo, o contrato havia sido assinado com a Olímpica em 11 de abril deste ano, e já em maio a Moeda não pagou o aluguel.

No Jardim Maravilha, local onde seria construído o projeto da Chamont, (400 casas) encontramos um escritório da construtora OBRASIN. O Sr. Monteiro, gerente do empreendimento, afirmou que a obra não tem nada a ver com o Montiene. Disse ele.

— Eles nunca chegaram a fazer contrato, ficaram só em conversações. Como conversa não financia obra, nós

desistimos.

Quanto tempo duraram essas conversações?

— Uns seis meses, mas sexta-feira passada, dia 25, ficou decidido que nós faríamos a obra por nossa conta.

Já o Sr. Fontoura, também da OBRASIN afirmou:

— Inicialmente tivemos um contrato com o Montiene, que foi rescindido porque não houve financiamento do BNH nem da Caixa Econômica para as obras.

Há quanto tempo esse contrato foi rescindido?

— Oficialmente, há um mês.

Apesar da rescisão do contrato, o Montiene continua fazendo propaganda do Jardim Maravilha, e a qualquer pessoa que telefone perguntando quais os projetos que já estão em andamento, eles informam que Campo Grande já está em obras.



**EM PIEDADE, A CONSTRUÇÃO IA COMEÇAR EM JANEIRO;
NO MEIER, A PIRAMBEIRA NÃO PODE TER NEM ÁGUA.**



Não faz obra e anuncia outro endereço

Na rua Camarista Meier, onde estaria em andamento um outro projeto de casas do Montiene, o que encontramos foi uma obra da Companhia CHOZIL. O Sr. José, funcionário dessa firma, declarou que chegou a haver aproximação com o Montiene.

— Mas nada de contrato foi assinado. Porque não assinaram eu não sei, porque mesmo dessas aproximações eu soube extra-oficialmente.

O terreno onde foi encontrada a placa do montepio, fica bem mais acima, na rua Engenheiro Antônio de Souza Mendes, numa localização que de acordo com o Sr. Augusto, morador do local, não dá para construir nem 50 casas:

— O problema de água por aqui é grave. Os moradores desse bairro aí em baixo, Jardim Boca do Mato, têm que explorar as nascentes lá em cima e trazer com mangueiras a água para as caixas. No período

do verão as caixas recebem água de quatro em quatro dias para cada rua; têm casas que ficam sem água até 15 dias. Agora imagina um loteamento de mais de 50 casas aí em cima, o que não vai acontecer.

Há quanto tempo essa placa está aí?

— Ela já está aí há um ano. Antes de ser colocada ali, ficou quatro meses no caminho. Mas a notícia que o Montiene comprou isso aí, já corre há três anos. Agora, eu acho que eles não vão é construir nada aí; pra mim isso é o maior trambique, e o pior é que muita gente caiu. A Associação dos Moradores daqui do bairro fizeram até uma reunião para desaconselhar as pessoas a comprar esse plano.

Manoel, um outro morador do local, continua:

— A placa já tá há muito tempo, mas até agora eles não ameaçaram construir nada não.

CAPEMI SABE TAMBÉM ENGANAR O COMPRADOR

Políticos da Oposição estão interessados em denunciar os abusos praticados pelos florescentes montepios que agem de má fé na arregimentação de novos sócios ou mesmo no serviço que prestam. Um caso interessante e que vem se repetindo à margem da fiscalização que o Banco Central deveria executar é o da Caixa de Pecúlio dos Militares, o poderoso grupo Capemi. Numa prática que já se tornou rotina, em cada novo lançamento imobiliário, a Capemi anuncia em jornais de ampla circulação o prédio que pretende construir, informando apenas que as inscrições estarão abertas a partir de determinado dia.

Esse foi o caso, recente, do lançamento de um prédio com quase cem apartamentos na rua Conde de Irajá, em

Botafogo, no Rio de Janeiro. No sábado, dia das inscrições, centenas de pessoas procuraram inscrever seus nomes para aquisição da sonhada casa própria financiada pela Caixa Econômica Federal.

Mas para se inscrever era necessário, antes, ser sócio da Capemi, mesmo sem saber o preço dos apartamentos, os planos de financiamento e, o que reprovava a maioria dos pretendentes, a renda familiar necessária. Assim, na ilusão de que poderão adquirir um apartamento, as pessoas são atraídas para a Capemi para, depois de algumas semanas, serem informadas que não podem comprar nada neste prédio, mas que continuam pagando suas mensalidades em dia para tentarem o próximo lançamento.

Roxo recebe queixas e não pode ajudar

Segundo Pedro Roxo, presidente da Associação Nacional dos Inquilinos, são inúmeros os casos de pessoas que o procuram por causa de problemas com montepios.

— O vendedor quando vende o carnê não fala em aposentadoria, só fala na casa própria. Preenche a ficha da pessoa, e diz para que ela vá buscar o carnê. Quando a pessoa começa a pagar as prestações, acha que está comprando a casa própria e não um plano de aposentadoria. Como o meu assunto é inquilinato, não posso resolver o problema dessas pessoas que aparecem aqui. O que faço é encaminhá-las à Delegacia de Defraudações, onde o caso deve ser resolvido.

Adilio desconfiou e parou de pagar

Na rua Cardoso Quintão, perto do subúrbio carioca de Tomaz Coelho está o terceiro projeto para construção de casa que o Montiene anuncia. Lá aconteceu tudo igualzinho ao Méier e Campo Grande: primeiro o montepio botou a placa num terreno, depois chegaram os corretores dizendo que em 1 ano e meio os apartamentos seriam entregues. Todo mundo nas vizinhanças quis entrar na boca. Adilio, um dos que comprou o plano, desconfiou logo porque, depois que pagou as primeiras prestações, os corretores começaram a perguntar se ele tinha renda familiar de 6 mil cruzeiros e que, se não tivesse, não podia entrar no plano. Seu Antonio, português dono do boteco em frente ao terreno, também caiu no conto da casa própria e está até hoje pagando suas prestações em dia mas já suspeita que comprou gato por lebre porque até hoje ninguém lhe disse quando as obras iam começar.

Qual é o seu nome?

— Adilio Vieira de Souza.

Há quanto tempo você é sócio do Montiene?

— Desde dezembro, uns 7 ou 8 meses. Mas aconteceu que eu paguei só dois meses. Eles prometeram uma porção de coisas mas não houve nada daquilo. Mandaram uma carta pra mim perguntando se eu pagava aluguel, se na construção eu podia pagar mais um pouco... Eu achei que aquilo era chaveco, saí fora não quis pagar mais não.

O que eles ofereceram pra você?

Eles disseram coisas dos apartamentos, que depois que tivesse terminado de pagar aquele carnê, aí eu recebia o apartamento e daí em diante eu ia pagar um milhão e pouco, de acordo como as coisas vão aumentando, né? Aí veio 18 prestações para eu pagar, tanto é que em 18 meses eles entregavam o apartamento.

Então eles ofereceram o

montepio como um plano para adquirir casa própria.

— É, depois nós somos sócios, né?, faz aquele sorteio e perguntavam se a gente queria aqui ou em outro lugar. Foi um vendedor que apareceu por aqui.

E depois que você saiu eles não perguntaram a razão?

— Não. Eles mandaram uma carta perguntando se eu concordava em pagar mais um pouco quando estivessem construindo o prédio. Eles diziam que eu havia deixado de pagar, se era extravio do pagamento ou se era atraso mesmo, pra eu normalizar meu pagamento, né?

Por que você achou que era chaveco deles?

— Porque depois que eles mandaram esse negócio todo, veio com outras conversas, perguntando se podia aumentar mais o pagamento durante o mês...

Ele não falou em aposentadoria, não?

— A aposentadoria também, aí tem direito a isso tudo né?

Aposentadoria e casa por 208 cruzeiros mensais?

— Até construir o apartamento, depois de entregar a chave ia ser um milhão e pouco.

Você comprou por causa da casa ou da aposentadoria?

— Comprei por causa do apartamento, porque tinha garagem para carro, área, aí comprei, né?, achei barato também... Primeiro eles colocaram uma placa aqui, só depois de 6 meses veio o vendedor. Aí minha mulher que trabalhava lá na cidade, telefonou pra eles, e o negócio foi ficando complicado, tinha que ter renda familiar de seis milhões, o negócio ia ser muito caro e aí minha mulher não resistiu. Depois que veio um cara com essa conversa fiada aí, dizendo que ia ser mais barato, saiu vendendo carnê pra todo mundo. Aqui quase todo mundo comprou — e depois veio a sacanagem. E de mais a mais, ele falou que ia construir em janeiro e nem começou ainda.



Seu Antônio continua pagando; Adilio, o barbeiro, caiu fora porque estranhou o papo do corretor depois das primeiras prestações.





"TEM CORRETOR DESONESTO MAS QUEM PENSA EM COMPRAR CASA COM Cr\$ 200 MENSAIS, QUER SER MAIS VIVO AINDA"

General do Montepio acha que só é enganado quem quer

O general Antonio Sá Barreto Lemos Filho, superintendente do Montiene, depois de muitas idas e vindas, recebeu os repórteres para conversar:

Como vocês conseguem o dinheiro pra construir as casas que oferecem?

— É o Montiene que financia as casas oferecidas por sua carteira habitacional. Quando o associado vem para o nosso quadro, ele preenche uma ficha sócio-econômica em que indica sua preferência por uma casa no Meier, por exemplo; quando tivermos um projeto no Meier, nós o chamamos e se ele tiver uma renda familiar compatível com o preço do imóvel, ele pode ingressar naquele plano.

O negócio então não é vender os carnês do Montepio oferecendo as casas?

— Exatamente, não é. A carteira habitacional faz o projeto de loteamento para alguém que já é associado. Depois ela adquire o terreno.

Ela faz todas as fases do projeto?

— Faz e por isso os imóveis saem mais baratos porque nós não fazemos propaganda da carteira, não pagamos corretor, nós lidamos diretamente com o associado.

Quer dizer que vocês não têm promotor de venda do Montepio, e da casa própria?

— Não tem nada porque quem é chamado para o projeto de construção do imóvel é quem já preencheu a ficha sócio-econômica, é associado. Se ele está enquadrado num projeto, ele é chamado por uma simples carta.

Vocês trabalhavam com promotora de vendas em Campo Grande?

— Nós só trabalhamos com promotora de vendas; nós contratamos empresas pra venderem nossos planos.

Mas o senhor não disse que não usa promotora de vendas nem corretor?

— Nós vendemos carnê do Montepio; não vendemos casa própria.

Vocês tiveram problemas com a promotora de vendas de Campo Grande. O que aconteceu?

— Há um ano atrás tínhamos um contrato com ela e tivemos problemas. Agora ele está subordinada diretamente ao Montiene.

Esse escritório continua funcionando?

— Eu acho que sim mas não tenho certeza.



Nós sabemos que não está mais porque a promotora de vendas do Montiene foi despejada da sala que ocupava.

— Pode ser, se ela não pagou o aluguel... mas não lhe posso dizer com certeza porque esta parte de venda não é cornigo. Eu cuido da parte técnica.

Então porque vocês insistem na propaganda desse escritório em Campo Grande se ele já deixou de funcionar?

— Mas nós não insistimos.

Insistiram sim. Nós estivemos aqui e pegamos os prospectos de publicidade do Montepio falando do escritório em Campo Grande, e, além disso, ontem vocês puseram anúncio na Radio Nacional com a mesma propaganda.

— Bom mas o prospecto foi feito antes e não se vai jogar fora.

Quantas casas estão sendo construídas em Campo Grande?

— Inicialmente 400 casas.

Nós estivemos com a empreiteira que fez acordo com vocês para construir as casas e eles nos disseram que o contrato foi rescindido.

— Isso então é outro problema lá da carteira habitacional.

O senhor também não sabia disso?

— Não, eu não tenho contato com a carteira habitacional; meu problema é Montepio e previdência.

Mas o loteamento em Campo Grande, chamado de Jardim Maravilha, continua a ser anunciado por vocês mesmo sem contrato com a dona do terreno.

— O contrato foi rescindido mas nós assinamos outro.

— Mas os senhores querem saber dos nossos lançamentos ou das nossas dificuldades?

Nós queremos saber de tudo.

— Mas não há interesse em divulgar que houve rompimento com uma empresa. Há interesse em divulgar que nosso escritório deixou de pagar? Não há. O que interessa é divulgar que nós temos a previdência, que já temos 40 beneficiários recebendo pensão.

General, isso não é uma matéria de propaganda; nós queremos é discutir os métodos de venda do Montiene.

— Mas julgar uma empresa que tem escritórios em todo o Brasil por qualquer coisa que aconteceu em Campo Grande não é correto.

Não estamos julgando nada, estamos fazendo perguntas sobre o fato de o Montiene vender o plano de aposentadoria como se ele fosse dar direito automático à casa própria.

— Mas nós não vendemos casa própria.

Nos prospectos do Montiene o maior apelo de venda é esse.

— O maior problema do Brasil é a casa própria e não há nada que nos impeça de fazer um apelo nesse sentido.

Quer dizer que um contrato foi rescindido, assinaram outro, a dona do terreno disse pra nós que não tem novo contrato nenhum e o

Montiene não avisou nada aos associados?

— Como eu disse ao senhor, eu não sei nada da carteira habitacional. Eu não sei como eles fizeram para se comunicarem com os associados. Sei que alguns deles vieram aqui e foram encaminhados. Também não tinha muita gente, só uns 13.

Quem é a pessoa encarregada da carteira habitacional?

— É lá no oitavo andar.

Mas nós estivemos lá e eles nos mandaram para cá.

— Mandaram porque, sem autorização, do presidente, não podem falar. O presidente daqui é o mesmo de lá.

Nós estivemos com muitos associados do Montiene e todos eles supõem que compraram um plano para adquirir a casa própria.

— Houve de fato certo exagero de alguns vendedores anteriormente mas agora isso não existe mais.

Mas o senhor não acha que todos os corretores exageram?

— Pode ser, eu não discuto isso com o senhor, eu não vou atrás do vendedor pra saber o que ele está fazendo. Eu tenho feito intervenções, chamado corretores e se ele

continua a proceder mal, é posto na rua.

Vocês têm então, um serviço de fiscalização?

— Eu tenho; está sob a minha responsabilidade.

Quantas pessoas trabalham nesse serviço?

— Oito.

Eles são corretores também?

— Não; um deles é ex-inspetor de polícia.

Nós visitamos 3 dos projetos do Montiene no Rio, em Campo Grande, Piedade e Meier, e conversamos com pessoas que moram nas vizinhanças dos terrenos: todos eles nos disseram que os corretores venderam os planos do Montepio como se tivessem vendido uma proposta para aquisição da casa própria.

— Meu amigo, ninguém de boa fé pode pensar em comprar uma casa pagando Cr\$ 200 mensais. Se faz isso, tá querendo ser mais esperto que o corretor.

Se a política de vendas do Montepio está baseada no apelo à casa própria, o senhor não acha isso desonesto?

— Já está o senhor voltando à mesma tecla, eu não discordo do senhor que houve alguns casos, pode ter havido.

Reportagem de Vera Lúcia Dias e Luiz Albertó Bettencourt

como comprar uma casa inteira

e pagar somente a metade

O general disse que o Montepio não faz propaganda da casa própria; acima está o prospecto de publicidade do Montiene prometendo uma casa pela metade do preço. O general admitiu que o contrato com a construtora em Campo Grande foi rescindido e que hoje existe apenas um contrato verbal com o Jardim Maravilha; o prospecto à direita, entretanto, continua a falar dele.

MONTIENE
O Montepio da Previdência Total
Aposentadoria em 10 anos, Pensão Mensal, Pecúlio, Seguros, Carteira de Empréstimos, Serviços e Convênios.

CONVOCA
seus associados para mais um grande empreendimento da «CHAMONT» Carteira Habitacional do MONTIENE

Parque Residencial Jardim Maravilha

na Estrada do Magarça, à 10 minutos do centro de Campo Grande
a 20 minutos da Barra da Tijuca
a 10 minutos da Pedra de Guaratiba

em terreno de 225 m² com área construída de 62 m²
Sala, 2 quartos, varanda, cozinha, banheiro, quintal área de serviço, e entrada para automóveis.
Fino acabamento, azulejo até o teto, esquadrias de alumínio

Preço - cr\$ 255.410,
equivalente a 1000 UPCs do 2.º Trimestre/78 — valor da UPC cr\$ 255,41

Poupança parcelada apenas 10%
cr\$ 25.541,
Saldo em prestações mensais decrescentes de **cr\$ 2.400,90** (PES-SAC)

INFORMAÇÕES
no local à Rua Coronel Agostinho, 81 sala 204 - no centro de Campo Grande e Av. Marechal Floriano, 143 7.º andar - Centro

ESTA CONVOCAÇÃO DESTINA-SE AOS NOSSOS ASSOCIADOS

Chamont



BRASILEIRO É RACISTA

Branco correndo é atleta, preto correndo é ladrão. Preto, quando não caga na entrada, caga na saída. "Ih, queimei mais um", disse Deus ao fazer o segundo crioulo. O negro conhece o seu lugar. É preto, mas é distinto. É um negro de alma branca. O rapaz é de cor. Olha lá, ele fazendo crioulice. Vê se não vai fazer um serviço de negro, hein. Isso é que é trabalho de branco.

As piadas e os rótulos são muitos, o que evidencia o racismo no Brasil. Além das brincadeiras, que, na maioria das vezes irrita o negro, os depoimentos dos vários negros mostram que o brasileiro é racista, por mais que tentem dizer o contrário. A situação geral, brincando ou não, vem revoltando cada vez mais os negros. Uma revolta presente em todas as classes sociais.

Psiquiatra foi discriminado no hospital

— Com uma profissão de branco e especialidade de branco (psiquiatria), fica difícil para mim participar diretamente do problema do negro, considerando que os meus colegas são brancos. Mas isso não quer dizer que eu não lute contra a discriminação racial. Só que eu vou um pouco mais além e dentro do meu posicionamento político eu não brigo só contra a discriminação racial. Estou englobado numa luta maior, que é contra toda injustiça social.

Otelino de Souza, 27 anos, atuante na política de saúde e pretendendo melhores condições de atendimento para a população, trabalha no Posto de Saúde da Penha e divide um consultório em Copacabana.

Para falar de racismo, ilustra o seu caso, acontecido quando estava no quinto ano da faculdade e fazia estágio na Terapia Ocupacional do Sanatório Botafogo. A partir do momento em que decidiu ir para o Pronto-Socorro, já como acadêmico, começaram os problemas. A princípio, não tinha vaga. Mas, curiosamente, surgiam vagas para outros acadêmicos (brancos) que pleiteavam a mesma posição. O pior é que a primeira vaga tinha sido prometida a ele.

Durante seis meses o blá-blá-blá continuou e nada da vaga aparecer. Até que um dia, no refeitório, a chefe dos acadêmicos, Mariema Lessi, informou ao médico Ricardo Ribeiro que o problema de Otelino era sua cor. Em outras palavras, ele não ia para o Pronto-Socorro



Otelino
de Souza,
psiquiatra

porque o Dr. Ulisses Viana, um dos donos do hospital e presidente da Associação Psiquiátrica Brasileira, não gosta de preto.

Otelino levou o caso ao diretor-médico da casa, Dr. Pedro Campello, que abriu o jogo e reconheceu que era isso mesmo. E disse mais: esse não era o primeiro caso. Anteriormente um rapaz tinha sido mandado embora, por um motivo ridículo, enquanto o motivo real era a cor de sua pele. Malandramente, Otelino voltou a falar com o Dr. Campello, só que desta vez com um gravador escondido.

Com a fita gravada e os testemunhos de colegas, entrou na Justiça, alegando racismo (Lei Afonso Arinos). Mas perdeu.

— O Juiz José Lucas, da 25ª Vara Cível, disse que não podia registrar a fita e com outras alegações parecidas eu acabei perden-

do. Mas é sempre assim. Sempre que pinta um movimento negro qualquer, pinta muita repressão em cima. Há muito tempo o governo brasileiro tenta mostrar que esse é um país de branco e que o negro deve reconhecer a bondade que existe aqui. E falam em democracia racial. Ora, "democracia racial" não existe e é parente do "milagre brasileiro" e do "oásis de tranquilidade". Dizem que o negro brasileiro é passivo. Não é não, ele é intensamente reprimido.

Isso quer dizer que, com toda a repressão, a tendência é o negro desenvolver um processo de branqueamento, para conseguir uma posição de respeito dentro da sociedade?

— É mais ou menos isso porque a pressão existe sempre, de uma forma ou de outra. A classe baixa, e aí não entra apenas o negro, tem que negar todos os seus valores. Com o negro ainda é pior, pois é o subproduto da classe baixa. É o que rouba, que mata, que é vagabundo, é o que segura todas as acusações. Quando ele quer trabalhar, estudar, ter um bom emprego, ir para a faculdade, a pressão é ainda maior. E ele tem que ser um negro bem comportado, o chamado negro de alma branca. Essa pressão existe, inclusive nos jogadores de futebol. Muito da marginalização do Paulo César vem da discriminação porque ele não assume a posição do bom moço, como o Pelé.

E você é um negro de alma branca?

— Olha, eu sou um negro privilegiado, fiz faculdade, tenho profissão e poderia ser muito bem enquadrado no negro de alma branca. Só que eu procuro não ser, e sempre que eu tento botar a cabeça no mundo a repressão vem em cima.

Família não deixou negra casar com negro

— Sou visceralmente contra, é um escárnio, a maior ofensa, esse Temos que lutar para nos impor-mos. Não acredito que o negro brasileiro só entenda de futebol e samba; ele entende do que quiser.

Paletó e gravata — como convém a um advogado — Jessé de Souza Marques, 44 anos, enfrentou o primeiro caso de racismo entre os próprios irmãos de cor. Ele namorava Maria Isabel, jovem cantora negra, com quem ia casar-se. Ia, pois a família da moça não permitiu que ela se casasse com um negro. Mas o negro Jessé, sobrinho do ex-deputado e professor José de Souza Marques, não se perturbou com o fato. Estudava Direito (às custas do tio) e até frequentava clubes, sem problemas.

— Fui sócio-atleta e artilheiro do time de Jacarepaguá Tênis Clube (meu tio era da diretoria). No começo eu só podia jogar futebol lá, mas depois me entrosei bem no ambiente. Me lembro, inclusive, de que no primeiro baile a que eu fui no clube, uma festa de gala, uma amiga minha (branca) que tinha sido eleita rainha da primavera, me convidou para dançar a valsa com ela. Foi aquele "zum-zum-zum" no salão, todo mundo cochichando nas mesas.

Jessé de Souza Marques, que foi diretor do Presídio Feminino de Bangú, é casado com uma loura de olhos azuis, o que, segundo ele, não significa nada.

"Penteia esse cabelo, negão"

Carlos Alberto Monteiro, 18 anos, negro, estudante. Uma vez levou uma geral da polícia, cheia de provocações.

— Eu estava na frente da Escola Estadual José de Campos Camargo, com um grupo de amigos negros. Aí, apareceu a polícia, pedindo documentos a todo mundo e mandando dispersar. Como eu era o único que estava sem documentos, mandaram seguir um caminho, que não era o meu caminho de casa. Eu fingi que fui, mas não fui. Voltei para o mesmo lugar. Pouco depois, chega a polícia de novo: "Ainda tá aí, negão? Entra aqui na viatura". Lá

dentro, começaram a me interrogar sobre um tal de Saraiva e onde ele podia ser achado. E a viatura andando por ruas escuras e vielas. Num certo momento, encontramos dois rapazes e um deles era o irmão do Saraiva. A viatura parou, desceram três PM e um ficou comigo na viatura. Os policiais voltaram e um deles pegou no meu cabelo e berrou no ouvido: "Penteia esse cabelo, negão. Você tem que dar valor à sua raça, andar como gente. Corta esse cabelo baixinho. Todo negro com cabelo grande a gente pega e bate mesmo". Então me soltaram.

Black mete medo na mulher



O black Zilmar, dançarino e discotecário

“Tava passeando com o meu pastor alemão e a minha namorada, que por sinal, é branca. Ela adiantou o passo e uma senhora que passava achou que eu tava mal intencionado, segurou a carteira e entrou no primeiro prédio que apareceu.”

O dançarino e discotecário Zilmar Souza da Silva, 25 anos, estudante do supletivo do 1º grau, diz que as neguinhas nunca ligavam pra ele. Agora que ele tá com uma branca, dizem que ele tem sorte.

— O pessoal black curte música e nem sabe que às vezes tá ofendendo eles mesmos.

Com presidente preto vai melhorar

Em uma loja de flores e plantas na rua Domingos Ferreira, em Copacabana, três empregados, pretos dão seus depoimentos:

— Hoje em dia não se usa mais isso. Eu não troco minha pele preta por pele preta de ninguém. Dou valor às lóuvas, mas não corro atrás... só se eu tivesse um Puma, notas de quinhentos. Eu queria que perguntasse ao povo brasileiro se existe Deus. Meu amigo aqui mora no 12.º andar do Rajá, na praia de Botafogo, e tá sem elevador. Tem que melhorar a Avenida Brasil que eu não agüento. O país vai ser o melhor do mundo quando tiver um preto lá em cima. Porque no futebol nós já somos o melhor do mundo graças a um preto. (Sebastião da Silva, 25 anos)

— Não existe racismo. Tá todo mundo é correndo atrás de dinheiro. Só que o branco leva vantagem. Mas é só não andar errado. Eu como domingo minha galinha e ele também, só que ele no castelo dele. Mas quando houver um preto na presidência, eu quero ver os pretos descenderem e os brancos subirem pras favelas. (Paulo Ferreira, 29 anos)

— Você já viu filho de branco barrigudinho? Preto sofre demais. A gente leva a vida como ela leva a gente. Esse mundo é um teatro, cada um faz seu papel. Sou florista e levo as flores feitas pra vida e pra morte. É isso aí. (Paulo Roberto Ramos, 29 anos)



Luana, o travesti

Você sabe o que é racismo?

— Não sei não, moço. Luana, 18 anos, se vira na calçada da Avenida Mem de Sá, junto com outros travestis bem mais apessoados do que ele. Faz charme e não diz o seu nome verdadeiro ("se querem me conhecer tem que ser assim").

Por ser negro você sofre alguma discriminação das outras bichas?

— Olha, aqui todo o mundo quer ser loura, colocar jóias, sair chocando. Não tenho amigos, eles parecem que não gostam de mim. Não me importo com isso, não quero esquentar a cabeça.

Você tem preferência entre transar com negros ou brancos?

— Aparece mais branco por aqui. Mas eu gosto mesmo é de um mulatinho.

Porque você não deixa o cabelo natural?

— Ah, não dá, né. Tem que fazer uma arrumação pra ficar mais bonita. Tem que ter uma peruca.

A peruca de Luana não consegue esconder um defeito na cabeça que mostra uma desproporção do lado esquerdo. De vestido branco de alcinhas e uma camisa de gola rolê, Luana ao notar a aproximação do camburão, sai disfarçando.

Martinho diz que racismo é muito pouco

— Minha preocupação não é com o racismo e sim com as raças. No Brasil, principalmente no que diz respeito ao Rio de Janeiro, são poucas as discriminações raciais. Quando eventualmente ocorre, é por falta de imposições da vítima.

Casado com uma loura, alta, bonita, tipo miss mundo, o cantor e compositor Martinho da Vila é cheio de imposições e posições. Por isso, diz que não sente na pele o problema do racismo, embora reconheça que a presença da Ruça (apelido da sua mulher) é da maior utilidade às vezes.

— Em alguns países, principalmente na Europa, a Ruça já me facilitou as coisas. Quando me hospedei num hotel na França, fui muito bem recebido e notei que era tudo porque a Ruça estava do meu lado. Quando os caras vêm um crioulo com uma loura, imaginam logo que é uma figura importante.

Confundindo o que significa racismo ("não sou racista porque vivo no meio de crioulos"), Martinho diz que nunca sofreu discriminação.

— Sempre me coloquei superior a isto.

Morador em uma rica mansão no Grajaú, Martinho está, realmente, muito longe dos problemas raciais, mas diz que é um conscientizador de sua raça e de seu povo, através das músicas. Volta e meia sobe o morro, para bater papo com os velhos amigos. Mas quando alguém chega no casal para pedir dinheiro emprestado, a resposta é sempre a mesma, brincando ou não: vá roubar pra ser preso.

Até começar a fazer sucesso, era casado com uma negra, Lúcia Maria. Depois, casou com Ruça, mas faz questão de dizer que uma coisa não tem nada a ver com a outra.

— Não vivo com minha mulher porque não sentimos mais nada relacionado ao amor. A Ruça é a mulher que eu amo, independente de sua cor.

Ruça entra em cena:

"Sou simples e sem preconceitos. O que vejo no Martinho não é o dinheiro e sim o homem que amo e vou amar sempre."

PERDEU O LUGAR PARA O BRANCO

Hoje, Olga Paulo tem curso universitário e trabalha no Serviço Social da Indústria, em São Paulo. Enquanto universitária, e no trabalho atual, diz que não sofria muito o problema da discriminação. Mas antes foi doméstica e operária e teve alguns problemas.

— Na Philco, eu sofri um caso de discriminação. Estava estudando, fazendo o curso técnico em eletrônica. Com isso, poderia exercer um cargo melhor dentro da firma. Quando surgiu a vaga, colocaram um branco, com muito menos condições. Isso me magoou muito e nunca esqueço.



Cy Manifold diz que racismo é mundial

Fotógrafo quase apanha em Copacabana

Januário Garcia, 34 anos, fotógrafo mineiro, saiu do cinema em Copacabana em companhia de Ana, sua mulher, e foi cercado por alguns rapazes em plena Copacabana. Começaram a chamar o casal de botafogo e partiram para agressão. Januário, preto, e Ana, branca foram salvos por pessoas que acompanharam a cena à distância e os puseram num táxi, que apareceu na hora.

— De dentro do táxi ainda pude ver a porrada solta na calçada. Eram três caras. Pessoal dali mesmo, daqueles que comem carne seca e arrotam caviar.

Ele chegou aqui com dez anos, vindo de um bairro proletário de Belo Horizonte e conseguiu estudar até a quarta série ginásial. Diz que sempre soube que era negro. Conta que, quando era pequeno, tinha apelidos de orangotango, fundinho de panela e margina. Januário deu aulas de inglês para sobreviver e enquanto a mulher administrava a casa, ele se dedicava a fotografia. As capas dos discos de Fafá de Belém, Caetano Veloso, Fagner, Tom Jobim, Belchior, Tom Jobim ilustram seu trabalho, além de ser fotógrafo no Brasil da revista Time.

— Nunca me conformei em ser discriminado, não me acomodei. Não queria nascer, crescer e morrer na favela. Consegui de alguma maneira me impor. Os meus amigos hoje me chamam de Januário Garcia. E, à medida que seu trabalho é reconhecido, você passa a não ser mais negro, é visto como um cara diferente, criativo. Existe uma maneira das pessoas olharem para o negro nessa hora. Já devolvi trabalhos depois de muito prazer tal e coisa, por esta recomendação: "Faça um trabalho de branco". A imagem do Brasil é de um país branco e só se mostra o lado marginal do negro, reflexo da liberdade que ganhou em condições marginais. Arrancado de sua terra, de sua cultura e colocado dentro dos navios. Enquanto o negro não sair da cozinha e ocupar um lugar na sala vai haver preconceito.

Januário vive com Ana, formada em Filosofia, há nove anos e dessa união nasceram três filhos. Se conheceram na Rua Ernâni Contrim, na Tijuca, eram vizinhos. Quando ele se mudou para o bairro de Fátima ia de vez em quando visitar os amigos na Tijuca.

"Com a mudança do Januário e as vindas dele à Tijuca para visitar os amigos, nós começamos a sair. Sabe, aquela coisa: vamos ao cinema, tomar um chopinho. Eu não estava preocupada se era branco ou preto. Tenho uma amiga negra que morou comigo."

"Não tenho vergonha daquilo que sou"

Testemunha de Jeová, pregando o amor e a união dos povos, independente de raça, cor ou credo, Cy Manifold acredita que no Brasil e no mundo existe racismo. Só que no Brasil não existe conflito, como na África do Sul e nos Estados Unidos.

"Aqui é um tipo de preconceito de classe. O brasileiro critica tudo. Quando não é preto, alguma coisa tem que ser encontrada para discriminar e separar as classes."

Cyril, como foi registrado, nasceu na Guiana inglesa há 50 anos e há 20 anos veio para o Brasil, junto

com outros artistas, para fazer apresentações. Mas logo que chegaram ao Amazonas, o empresário americano desapareceu. A maioria voltou e ele, seguiu viagem até o Rio, onde se apresentou em programas de rock de Carlos Imperial e Jair de Tatuatúrgo, depois de cantar em programas de televisão.

Canta há cinco anos na Churrascaria Rincão Gaúcho.

— Na Guiana, os pais que não botavam os filhos na escola eram processados. Aqui, é um país grande e pobre. Agora, de dez anos

para cá, é que o negro está indo para os colégios. Mas é mais preconceito de classe. Têm pessoas que pensam assim: não gosto de preto, mas o Pelé pode sentar na cabeceira da minha mesa. Quando o negro consegue dinheiro e status ele quer alcançar aquilo que pra ele antes era impossível. É um fato normal. Eu não tenho vergonha daquilo que sou. Eu olho pra mim e me sinto feliz.

Faz algumas considerações sobre a Bíblia e diz que não existe "preto de alma branca:"

— O espírito não tem cor.

REPORTER DA TV GLOBO É EXEMPLO NA FAVELA

Nascida em Jacarepaguá, parte da infância e adolescência em Copacabana, um período na Zona Norte, de onde voltou para a Zona Sul (Humaitá) em companhia da mãe, Glória Maria, repórter do Jornal Nacional, usa cabelos afro, tem pele reluzente, corpo esguio.

— Gratificante é você chegar num bairro ou numa favela da Zona Norte e ouvir aquela mãe gorda e preta dizer: a minha filha vai estudar para ser jornalista, como você.

Isso é agora, rosto conhecido graças à TV Globo. Mas no início da carreira sentiu pela primeira vez o racismo.

— Na época do Festival da Canção, os artistas se hospedavam no Hotel Glória. Saí com o cinegrafista lá pro hotel. Estava esperando o elevador. Depois de alguns minutos o elevador parou no térreo. O cabineiro olhou pros lados e imediatamente fechou a porta. Não entendi. Logo desceu o outro

elevador, em que entrei meio boquiaberta. Num determinado andar os cabineiros se encontraram e o homem que tinha fechado a porta na minha cara perguntou para o seu colega: "Você leva crioulo em elevador?" Não consegui fazer nada o dia inteiro. Essa pergunta martelava a minha cabeça. Isso prova o racismo, que, afinal de contas partiu do cabineiro. Se eu estiver com uma amiga branca numa boate e tomarmos o maior porre, é aquilo - a branca ficou engraçadinha e, sempre, aparece alguém que diz: estuda, é repórter e fica fazendo crioulice.

"Sinto o preconceito pelo cheiro. Não adianta vir com esse negócio de 'Glorinha tudo bem?' E esse expressão de 'negro de alma branca' acho muito escroto. A culpa é da sociedade: ou você é branco ou tá fodido."

O negro também discrimina. Se eu estiver no Papagaio dançando sozinha e não me reconhecerem, só dançam com as brancas.

Ex-telefonista, 26 anos, não gosta dos movimentos negros que atuam no Brasil. Para ela, não têm nada a ver, nossa realidade.

— Martin Luther King, Eldridge Cleaver foram líderes lá nos Estados Unidos. O nosso negro nem sabe quem são esses homens. A Dona Maria, que mora em Nova Iguaçu, nunca ouviu falar na luta dos negros brasileiros.

Mas foi depois de ler os pensamentos dos líderes negros americanos que deixou de passar lenço no cabelo e começou a se transar como negra, realmente.

— Quem me fez sentir, adorar a minha cor foi Márcia Mendes, minha amiga. Um dia ela me perguntou porque eu alisava o cabelo. Foi na época que entrei para a televisão. E só depois de três anos é que consegui botar a cara no vídeo. Fui a primeira mulher negra no vídeo e para conseguir isso tive que fazer mil vezes melhor do que as pessoas normais.

RESPONSABILIDADE DO NEGRO É MUITO MAIOR

Em 1970, Vera Lúcia Prudente, 24 anos, atualmente auxiliar de enfermagem, foi pedir emprego de caixa na Eletroradiobrás, em São Paulo. Fez os testes de português e matemática e foi entrevistada pelo Recrutamento do Pessoal. Quando foi saber o resultado, surpresa: tinha sido aprovada.

— Mas quando fui falar com a dona Claem, subgerente geral das caixas, ela foi logo dizendo que a minha responsabilidade era muito grande, pelo fato de ser negra. Disse que era para eu não levar a mal a clareza da conversa. Eu seria a primeira caixa negra e não podia falhar porque a partir daquele momento estava aberto um campo para outras negras na função. Se eu falhasse, outras negras não entrariam. O branco pode falhar, o negro não. Tinha um senhor negro, porteiro da diretoria, que me disse estar muito contente por me ver exercendo aquela função, na época considerada de prestígio. Disse também que eu devia andar muito direitinho, para dar oportunidade a outras negras. Eu tinha que mostrar que negro tem capacidade para ser caixa.

Vera trabalhou como 'manda o figurino e um tempo depois foi chamada por uma funcionária

superior, a Eurides, que a tinha como uma caixa de alto conceito.

— Ela me disse que ia me apresentar pro gerente financeiro, para ver se me colocava como subencarregada de tesouraria. Quando cheguei na sala do dr. Charlom, ele disse que eu era uma negra de alma branca. Por isso, me apresentava para uma promoção. Fiz um treinamento de 15 dias, junto com os economistas que pleiteavam o cargo de gerente financeiro de filial. Passei e comecei a exercer o cargo na filial do Paraíso. Só que lá a tesoureira, Isabel, era muito racista e vivia me queimando, fazendo fofocas injustas junto ao gerente da loja, dr. Orlando. Mas ele entendia a razão das fofocas e não dava atenção. Essa mulher fez tanta fofoca e ficou também com bronca do dr. Orlando, que até se demitiu. Antes de ir embora, ele me chamou e falou: "olha, Vera, vou me demitir, mas vou te transferir para a loja da Penha. Já tive aborrecimento de sobra aqui porque vejo as coisas certas. E aqui eu acho que não tem mais campo para você." Na Penha, continuaram as perseguições e acabaram me mandando em-
bora.

Polícia não acredita em favelado

Paulo Ramos trabalha na Companhia Telefônica Brasileira, tem 23 anos e sempre morou no morro da Mangueira, Rio de Janeiro. Cursa o segundo ano de Engenharia na Nuno Lisboa.

Tem um Chevette e mora no Buraco Quente, uma barra meio sobre a pesada da Mangueira.

— Aqui no morro acontece uma coisa engraçada, quando a polícia vem me pedir documentos: sempre leva um susto quando vê que o carro é meu, quando sabe que sou estudante e quando digo que moro no morro mesmo. É difícil eles aceitarem.

O carteiro Amauri, mesma idade, trabalhando desde pequeno, se revolta quando fala sobre esse assunto.

— Para arranjar uma batalha é o maior sufoco. Primeiro, há o problema da gente ser preto. Depois, de morar no morro. Não é todo o mundo no asfalto que tem uma tia para dar como nosso endereço.

Agressivo, Amauri continua falando sem parar:

— Minha mãe morreu há seis meses. Nesse dia, no trabalho, pedi Cr\$ 500,00 para fazer o sepultamento da velha. Não é que teve gente que duvidou do que eu estava falando? Quem adiantou o troco foi um cara da cor.

A RAÇA SOFRE PORQUE NASCEU PRIMEIRO

"Sabe por que preto é raça sofredora? — pergunta o compositor Onofre Firmino de Jesus. "É porque nasceu primeiro".

Com uma bela dentadura à mostra, um Maverick azul-marinho, placa ZZ-00100, tem sucesso com as mulheres brancas, mas disse que não abandona as raízes.

A polícia já fez você parar por causa do carro?

— Não, né. Afinal de contas eu tô num carro que impõe. Seu eu tivesse num fusquinha, aí mudava.

Proprietário de um imóvel no Estado do Rio, onde mora com a família, mas fiel as suas raízes no Catete. Onofre diz "lá em casa é tudo crioulo, até os cachorros".

Tem sucessos com mulheres brancas?

— Não vou lhe enganar não! Já tive mulher alemã, portuguesa, argentina. Mas a patroa é um compromisso moral. Não largo mesmo.

Sem aparentar os 48 anos, o compositor sentiu a união do negro com o pessoal do Cais do Porto, em Sepetiba.

Voltei às origens. Um branco ali se perdia. Pelé é um dedinho de Deus. Mas ninguém segue os dez mandamentos, porque Deus também deu seus pontapés.

Carmen Costa quer ver preto na Marinha



Foto Leonardo Neri

— Eu tenho culpa de ser crioula e trazer a arte dentro de mim? Nunca vi formatura de preto nenhum na Marinha e no dia que acontecer esse evento faço questão de cantar na festa. Vou morrer sofrendo racismo, mas pra mim não existe cor.

De turbante na cabeça, sentada no bar Amarelinho, a cantora Carmem Costa, aos 59 anos, casou com preto e branco. Não esquece de contar que sofreu preconceito de pessoas da sua cor num navio brasileiro, nos Estados Unidos, onde morou mais de dez anos.

— Fui substituir um cantor numa orquestra, onde só tinha negro. Depois do show escolhi para dormir o quarto das camareiras, por serem brasileiras. Me discriminaram.

Você, que viveu nos Estados Unidos, pode dizer a diferença que há?

— Os negros de lá se valorizam, têm o seu lugar. É um país rico. Enquanto estivermos na miséria, sem dinheiro, o negro sofrerá racismo. E essa falta de forças, esse estado marginal, levará a ter inveja de gente da sua própria cor que melhora de vida.

Conta ainda que, na cidade de Trajano de Moraes, Estado do Rio, onde nasceu, sentiu rejeição à cor da sua pele quando estava no primário.

— Foi numa festa, a primeira vez que eu ia cantar. Momentos antes, a professora tirou o papel de minha mão e deu para uma menina branca. Foi quando comecei a sofrer discriminação racial,

ASSINE

12 Edições

Cr\$ 100,00

Ali Direto. Em cima.

REPORTER

UM JORNAL DE CAPA E ESPADA

CUPOM DE ASSINATURA

— Assinatura por 12 edições: 100,00

— Envie cheque nominal ou vale postal para:

Rua Miguel Couto, 134 - salas 1101 a 1104 - RJ - CEP 20.000

Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0

Indique a partir de que número você quer sua assinatura

Nome:

Profissão:

Endereço:

CEP: Cidade: Estado:

Depoimentos a Celso Prudente, Chico Júnior, Clarice Niskier, J. Paulo e Tim Lopes



Foto de Lula Feijó

A classe média não entende nada de favela

Nos meios de classe média e alta, quando se comenta sobre favelas e favelados, encontramos freqüentemente como resposta que eles são o 'lixo social, que são um peso morto na sociedade foco de marginalidade. Parece que as autoridades do governo têm o mesmo ponto de vista e que para eles só existe a burguesia, pois em suas atitudes — às quais não me compete julgar corrupta — só tomam partido por aqueles que já têm o básico, e o melhor dos bens público, fazendo, assim, obras supérfluas nos bairros onde tudo desnecessário já se deu. Constroem parques imensos, calçadas e outras coisas caríssimas, constroem elevados que não passam coletivos e só servem aos bairros das zonas burguesas da cidade.

E estes mesmos governantes, que gastam fortunas incalculáveis com os privilegiados, se esquecem das favelas e seu povo. E estes, quase nunca, contam com abastecimento de água, instalações de esgoto sanitário, e se alguns têm luz no seu barraco, isto foi feito às suas custas, pois a light não instala postes nem relógios para os morros. Não vêem mulheres e crianças subindo com sufoco a dura encosta, carregando latas d'água e

bacias com roupa, incessantemente, no dia-a-dia. Não vêem as precárias condições de higiene, que oriunda não só da desinformação, mas também dos meios de como ter esta higiene, já que o esgoto não há, como tudo no sentido do saneamento.

Nem vamos considerar o lamaçal, quem mora no morro já o aceita como membro da família, e estão acostumados com a dura luta. Não vamos considerar que a polícia, quando caça marginais no morro, quebra as lâmpadas que os moradores colocam, para que possam enxergar, na volta da "batalha", o acidentado caminho dos becos e vielas. Nem que esta mesma polícia ainda depedra casas e tortura moradores honestos, caçando traficantes, que são protegidos por eles, por lhe trazerem segurança, lhes dispensarem atenção e carinho, além de fazer uma pequena distribuição de renda.

Se não considerarmos isto tudo, veremos, então, que se o governo, por incapacidade administrativa, lealdade, justiça, corrupção ou seja lá o que for, nada faz, a não ser removê-los dos morros, para que não enfeiem a cidade, e colocá-los em conjuntos residenciais, que só servem para encaixotá-los e arrancar-lhes os últimos centavos. Não

só com a mensalidade do "BURACO PRÓPRIO", mas também com toda uma consumação que o nefasto marketing lhe impõe, devido ao contato direto com a burguesia e a ilusão de ascensão social. E então veremos que quem pode fazer alguma coisa pelos favelados são eles mesmos — sem que venha, com isto, agredir ou contestar o sistema, o que só traria mais repressão e violência — se unindo em comissões de moradores de um morro e, com fundos angariados entre eles, como pudessem (com bicheiros, traficantes, seja lá quem for). Com isto, conseguiriam melhorias para o seu morro, dando-lhes condições mínimas para um ser humano.

E aqui fica o pedido, a quem isto ler, de não assumir a posição cômoda de criticar e falar à toa. Leve a idéia ao morro, já que o morador de lá nunca lerá nanicos porque seu dinheiro mal dá para o cafézinho.

Eu sou um só ainda, mas estou em campo e aceito ajuda do lado de cá, mas para agir. Falar, eu também posso e acho válido porque esclarece, mas é preciso dar mais alcance popular a estes esclarecimentos. (Firmo de Souza Araújo Júnior, Rio de Janeiro, RJ)

Quem perdeu o ônibus,
pega agora: pau ainda
no transporte

1 Desde que foi limitada a velocidade máxima, deveria o DNER, a Secretaria de Transportes, o DETRAN ou a sigla competente, providenciar o limite mínimo. Não que fosse pra ser respeitado — ora, isto não faz sentido. Mas só pra fazer oposição a estes ônibus que decalcam no vidro traseiro 60 km e não respeitam nem a mãe, que dirá à velocidade.

Ou se corre o risco de morrer de medo, por excesso de velocidade, ou de raiva, pela falta de excesso. Porque, presta atenção: Sempre que se está com hora marcada ou atrasado, o diabo do ônibus vai murrinhando, parando dentro do ponto e fora dele, não perdoa um sinal. Vai travancando os outros carros, trafega com duas rodas numa faixa e duas na outra, e o pedestre que quiser atravessar que ... que não atravesse! Os que sofrem de velocidade compulsória trazem estampado sobre a porta dianteira: É PROIBIDO PARAR FORA DO PONTO e acatam com tanto rigor que nem mesmo no ponto param.

Outros avisos são ou não respeitados, dependendo da empresa, da linha, do motorista, da mulher do motorista, do vizinho. Eu me sinto encabulada quando o "chauffer" puxa o maior papo com um conhecido e, acima de sua cabeça tá lá: FALE AO MOTORISTA SOMENTE O INDISPENSÁVEL. Pior que isso só a lotação, que varia de unidade pra unidade e jamais corresponde, pelo menos, pros que estão de pé. Não pega bem; 10 sentados, 60 em pé, 35 ajoelhados, 5 deitados (geralmente, mortos ou em estado grave) e, três, pelo menos, roubados. Agora que essa moda de passar-a-mão-na-carteira-alheia-na-roleta pegou, não escapa uma viagem sem um assaltozinho. Os rapazes fazem o serviço nas fuças do cobrador, que não dá um pio porque, de repente, lhe acomete uma caganeira, ou quase, de tão pálido fica. Justiça seja feita ao cobrador. Não é ele o único a ver e calar, não. Oitenta por cento dos passageiros viu, mas todos fizeram absoluta questão de fingir que não perceberam nada.

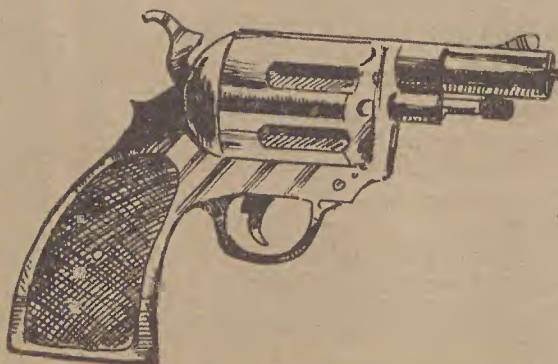
Onde chegamos: acabamos nos acostumando a ser indecentemente aviltados, vergonhosamente enganados e ainda calamos! Nós queremos mais é gritar alto e em bom som: ESTAMOS SENDO ROUBADOS!!!! (Donia Gracindo, Rio de Janeiro, RJ)

2 "Viajo semanalmente de ônibus e tenho observado tremendos abusos por parte das empresas, além de presenciar grandes misérias pelas rodoviárias. Engraçado que, nos ônibus, no Estado de São Paulo, por lei é proibido fumar e noto que essa lei é raramente cumprida, pois o aviso "é proibido fumar" está em letras relativamente pequenas e lá na frente, na cabine do motorista, onde é difícil os passageiros lerem. As poltronas possuem cinzeiros (por que não retirá-los?) e também por que não pôr aviso que é proibido fumar logo atrás da poltrona onde o passageiro senta e é fácil de ver? Nos dias de frio, os ônibus viajam geralmente lotados e fechados e, se vão acendendo cigarros, vai saturando o ar.

Também por lei é proibido o transporte de passageiros em pé e sempre observo que a maioria das empresas transportam passageiros de pé. Se um ônibus carrega 40 passageiros e tem 55 passageiros para embarcar, a empresa é obrigada a colocar outro ônibus e é o que não acontece, principalmente se for à noite.

E têm muitas outras irregularidades que podem ser constatadas em flagrante, além da grande parcela da população passando frio e fome pelas rodoviárias, que cobram taxas de embarque e se a gente quiser dar uma mijada tem que pagar!

Escrevo isto sobre as empresas que fazem intermediário (de cidade a cidade, no interior) e não sobre os horários que ligam as capitais, que, pelo menos, aparentemente são mais confortáveis." (Henrique de Souza Miranda, Alfenas, MG)



"Quero parabenizar o Rivaldo Chinen, que arriscou sua pele para conseguir aquela declaração do monstruoso Oscar Matsuo. Ele é um insano mental, assim como todos os torturadores".

(Aroldo Pereira, Montes Claros, MG)

Inflação é o dinheiro que governo desperdiça

Se algum tecnocrata tem dificuldade para conceituar o que seja inflação, dou-lhes a definição perfeita: inflação é o dinheiro que o Governo desperdiça com sua indiferença e incapacidade. E quem desperdiça o dinheiro do povo, é ladrão dele. Por isso, por conclusão lógica, o administrador é ladrão, pelo menos enquanto não acabar com a inflação, acabando com o ladrão.

É de assunto dessa natureza que o nosso povo felizmente começa a ouvir, através do **REPORTER**. O povo não quer saber de informes econômicos complicados, ou as notícias sobre as colônias judaicas, ou a ponte que caiu no Vietnã. O povo quer saber por que o dólar custa quase Cr\$ 20,00. Por que se inicia uma construção de vulto e pára no meio. Por que tanto carro oficial na rua fora de hora e cheio de mulher. Por que tanto gabinete enfeitado e dentro dele tantos incompetentes, bajuladores e profissionais da política.

Por que não tem alimentos nas penitenciárias, enquanto a FEEMA distribui alimentos para donos de colégios, que os distribui pra seus familiares. Por que existe tanta corrupção nas concorrências públicas, tanto faz que seja para compra de madeiras ou feijão para hospitais. Por que os orçamentos de obras são sempre mais custosos para o poder público do que para os particulares. São tantas as interrogações, que só muitos números do **REPORTER** para esclarecer a opinião pública, vendida, entorpecida, vilipendiada, desprezada, em benefício de meia dúzia de mandões que denigrem a administração, ofendem os capazes, desonram a cultura e envergonham a pátria. Do mais miserável município, ao mais angustiado Estado.

Eram as palavras, que pretendia não serem longas, que envio ao **REPORTER**, satisfeito por saber que o meu país tem um jornal assim.

Darcy Felipe Cury, Niterói, RJ

Tudo se resolve com um pequeno extra

"É um absurdo, mas é verdade. Neste País feito por "nós", só conseguimos ultrapassar a barreira burocrática através de pequenas taxas extraordinárias. São extraordinárias porque não podem ser pagas através dos formulários "DARF" e "DARJ".

Estando interessada em me naturalizar, para poder trabalhar honestamente como uma cidadã brasileira, fui consultar uma pessoa, que trata desse tipo de serviço, e me informou que é um processo muito complicado e demorado, mas se estivesse disposta a desembolsar uma pequena quantia para ele, o mesmo se encarregaria de todo serviço. Fiquei satisfeita e perguntei quanto era:

— Na camaradagem, pra você faço por Cr\$ 10 mil. Mas além disso, se quiser que o processo ande rápido, é só soltar uma "graninha" extra pro pessoal. Sabe como é!

Interessante como tudo é resolvido na base das "taxas" extras. É o tipo da coisa que todos fazem, mas ninguém sabe. Igual a jogo do bicho é proibido, mas funciona normalmente nas ruas da cidade. Começo a pensar que tem alguma coisa errada." (Ramona Ordoñez, Rio de Janeiro, RJ)

Será lançado no dia 23 de setembro o livro de poesia *Inventário de Cicatrizes* de Alex Polari de Alverga. O poeta, com 27 anos de idade, é preso político cumprindo pena de 80 anos. O livro, editado pelo Comitê Brasileiro de Anistia, relata a experiência do autor, da militância até uma prisão e tortura.

Zoológico Humano

O que somos é algo distante do que fomos ou pensamos ser. Veja o mundo: ele se move sem nossa interferência veja a vida: ela prossegue sem nossa licença veja sua amiga: ela se comove por outros corpos que não sou eu.

Somos simplesmente o que é mais fácil ser: lembrança sentimento fóssil referência ética apenas um belo ornamento para a consciência dos outros.

A quem interessar possa: Estamos abertos a visitação pública sábados e domingos das 8 às 17h.



Somos 110 milhões por fora do que acontece

O momento atual que estamos atravessando é de inteira indisposição de todas as bases e classes sociais do país, devido principalmente à maneira pela qual se escolheu cargos públicos tão notórios e importantes.

Não se admite impoderavelmente que 110 milhões de brasileiros fiquem mesclados de escolherem os seus mandatários através do direito universal de todos os povos, que é o voto.

Tal situação esmerou e entristeceu o país, da mesma forma que se viu atingido, em abril do ano passado, por um pacote de leis profundamente lastimáveis e com requintes autoritários, que impediram e acabaram com os sonhos populares, que já se preparavam com a devida conscientização de votarem em seus governadores e prefeitos, depois de 14 anos de indefinições e autoritarismo.

Tenho certeza que a maioria da população nacional não aceita, de modo algum, ser tratada atualmente, como vem sendo, com tanto desprezo e descomedimento, fazendo-nos retornar aos tempos das Capitânias Hereditárias.

São nestes acontecimentos e episódios que a pátria comprova e confirma a sua completa generalização de cerceamento da liberdade, para tirar aplicações e conclusões gerais de conceitos e condições de indivíduos públicos, através da manifestação de sua opinião e vontade, pelo solene sufrágio democrático. Somente com estas convicções incontestáveis é que um governo se torna e se converte em uma soberania popular, já que um sistema político só consegue ter fundamento e apoio se for regido por um governo do povo, pelo povo e para o povo". (Nivaldo Rodrigues da Silva, São Paulo SP)

Tenente perseguido escreve ao ministro

... da Aeronáutica

Milton Mascaro, 1º TEN REF., vem muito repetidamente informar e esclarecer sobre reportagem contida no jornal **Reporter** N°4, de 15 de março de 1978, e outros acontecimentos.

O Sr. Hélio Livi Ilha, Cel. R/R, que foi alvo da reportagem, conseguiu novamente mobilizar autoridades da FAB, na tentativa de prejudicar-me. V. Excia. poderá solicitar do III COMAR, o depoimento por mim assinado na sindicância, onde verificará que a maioria das perguntas formuladas pelo Cel. Muniz, encarregado da mesma, forma no sentido de humilhar e desmoralizar, quando não me foi dada a oportunidade de esclarecer que as irregularidades existentes na minha vida foram mesmo criadas pelo Cel. Ilha, que, sempre usando de seu prestígio de militar, levou para dentro da Aer. este seu problema particular e, tentando me desmoralizar perante as autoridades civis e militares, apresentava situações de minha vida privada. Que aplicou também seus conhecimentos de Psicólogo na pretensão de abalar-me moral e mentalmente. E ainda com sua astúcia de advogado conseguiu, em pouco tempo, me envolver com, polícia e a Justiça, fazendo queixas descabidas em Delegacias, com auxílio de um militar reformado e um civil assassino.

O simples fato de ser eu um militar inativo e com patente bem inferior a de Cel., e ainda com uma família numerosa, parece suficiente para demonstrar que, logicamente, vivo sobre pressão desesperadora de mil e uma necessidades e que esse enigma desnivelamento torna a luta desigual.

Mas nem por isso deixou o Cel. de trabalhar no sentido de que fosse reduzido meus proventos e ainda me colocar diante de Conselho de Justificação, como prometeu.

Em consequência desses acontecimentos e por medidas desonestas e desumanas impostas, minha família foi brutalmente atingida. Minha esposa se encontra gravemente enferma, necessitando, a conselho médico, de se internar ou se afastar imediatamente. Por ter sido privado do recebimento de auxílio invalidez, que por força de Lei já me era devido há mais de dez anos, portanto já fazia parte de suprimentos de minha necessidade, três de meus filhos tiveram que interromper seus estudos. Enfim, com a denúncia vazia já a caminho e não resistindo mais tantas arbitrariedades, terei que me transferir obrigatoriamente para o interior do País, com a finalidade de recuperar a tranquilidade e a paz de espírito que reinava em meu lar, até quando se iniciou este problema. Por ter sido minha posse fundamentada na mais pura e sã das intenções, portanto é uma posse de boa fé, e todos que a conhecem sabem que é uma posse física, que nunca possui nenhum título de propriedade, mas com toda certeza foi mansa e pacífica, por isso jamais qualquer que fosse seu proprietário ou legítimo dono teria o direito de reavê-la usando de violência ou outros artifícios, como foi usado pelo Cel.

Sr. Ministro, ninguém tem o poder de prever com exatidão a que extremo esta situação nos distanciará dos antigos padrões em torno dos quais giravam todos os nos-

sos conceitos humanos e nem a que ponto essa conclusão modificará a impressão que se tinha de alguém.

Do ponto de vista estritamente militar, atravesso um dos instantes mais dramáticos de minha vida. Depois de estar reformado por mais de 22 anos, vejo agora minha condição de reforma totalmente modificada. Fui preso e conduzido duas vezes por elementos à paisano, de barbas grandes e de posto inferior ao meu, quando me encontrava no recesso de meu lar. Recebi por diversas vezes ameaças por parte de militares de Aer., uniformizados, em minha residência. Venho sendo constantemente coagido por policiais 32ª DD. Enfim, vivo há 3 anos numa situação de insegurança.

Sr. Ministro, é lamentável dizer que a polícia dá força em que se fundamenta hoje o Cel. e aqueles que o ajudam conseguiu, neste três anos, mobilizar alguns militares da FAB e a polícia, como se fosse possível conter, pelo terror, que os atos de violência inspiram, a evolução da luta pelo direito.

Não será enfrentando situação como esta que terei condições de me conduzir como determina o regulamento. E muito menos ainda com a diminuição de meus proventos, no valor de 3.255,00, provocado pela retirada do auxílio invalidez que foi processada pelo TEN Gutemberg, o qual funcionou como escrivão da sindicância. Nem tão pouco com o aluguel que terei que enfrentar logo seja decretado o despejo, pois como muitos brasileiros também serei vítima da Denúncia Vazia, só que, no meu caso, o proprietário do imóvel em que resido com meus familiares há

quase quatro anos, foi contemplado com a ação do referido despejo pelo Sr. Cel. Hélio Livi Ilha.

Não consigo entender como é que um homem, que sempre trabalhou, enfrentando dificuldades de toda ordem e que se dispôs a lutar por aquilo que julgava ser de interesse do País e da maioria dos brasileiros, arriscando sua própria vida, venho agora sofrer decepções, sendo atingido violentamente por elementos que, talvez ludibriando a boa fé das Autoridades constituídas, procuram aproveitar de suas posições para defenderem interesses particulares, próprio ou de outros, usando até mesmo a Instituição.

Por ter sido sindicado até por militares acusados de torturadores, devo dizer ao Sr. Cel. que não se trata de saber qual de nós recebeu mais medalhas, muito menos de quem seja mais nobre, e muito menos ainda de quem tem seu nome no SPC, e ainda mais de quem esta sendo despejado com esposa e 11 filhos e outros dependentes pela denúncia vazia, ou então de quem tenha mais condição financeira.

Torna-se necessário, portanto, que todos saibam que posso não ter méritos, na opinião de alguns, nem direito a receber medalhas, nem ser ouvido quando punido, e até ser submetido a exame médico a força, nem ter direito a defender-me em depoimento da sindicância nem ter os direitos e as regalias que a Carta Patente me confere e nem ao menos ser considerado Revolucionário por ter sido o estopim do

episódio do Clube Militar. Mas, com certeza, tenho muitas qualidades e virtudes, que são prerrogativas de poucos e superam em muito meus defeitos. Tenho, também, como todos seres humanos, o dom da palavra, que é a mais pura expressão da natureza e a mensageira indivisível de nossas ideias e sentimentos. E, por nunca tê-la usado contra os direitos dos homens, tenho conseguido, através dela, me livrar de interesses expúrios.

Quero, nesse ensejo, aproveitá-la para deixar aqui bem patente o meu pedido de desculpa à V. Excia. e à nossa Instituição, quanto a publicação no jornal **REPORTER** N°4, afirmando, com toda a honestidade e dever de militar, que nunca houve de minha parte premeditação, intenção ou interesse em ferir o brío das digníssimas Autoridades, e muito menos ainda o bom conceito de que goza nossa Gloriosa FORÇA AÉREA BRASILEIRA.

E por considerar que este episódio já acarretou situações desagradáveis, não só a mim e meus familiares, aproveito nesta oportunidade firmar o compromisso de não mais usar veículo de comunicação, seja carta ou imprensa, com respeito a esse problema, considerando assim esgotado todos os recursos no sentido de pedido de providência que o caso requer, aguardando com tranquilidade e confiança a solução que V. Excia. determinar, fundamentada por certo na Justiça e nos direitos humanos.

Com o devido respeito.

Rio, 3 de Setembro de 1978
Milton Mascaro 1º Ten. Ref. Aer.

A SUNAB é uma vergonha

"O que faz a SUNAB? Aqui na Zona Sul, preços além das tabelas, consentidos por ela. Está uma vergonha. A dona SUNAB precisa tomar sérias providências a respeito disso. Principalmente nos bares, onde há maior exploração. Olha, meus amigos, eu que não vivo de salário mínimo, estou reclamando. Imaginem vocês a paraibada de obras. O carioca é bonzinho, nada reclama e o português mete a mão. Por isso é que 99,9% dos proprietários de bares deste grande Rio são portugueses. Isso é o maior negócio desta terra." (Francisco Souza Teixeira, Rio de Janeiro, RJ)

Sugestão Um: alimentação

"Quero fazer uma sugestão: uma matéria sobre alimentação, uma matéria construtiva, com informações de nutricionistas, macrobióticos, ovo-lacto, vegetarianos, naturistas, sobre o que é necessário para um dia ou uma vida sadia. Um levantamento da alimentação normal da classe média brasileira, do operário, levando-se em consideração o esforço de cada um, físico ou mental". (Pedro Tornaghi, Rio de Janeiro, RJ)

A situação política é um mistério total

"Quero que esclareçam a situação política atual, enfim, uma análise da nossa política atual. Assisti ao programa Pinga Fogo, da Rede Tupi, quando o presidente do Senado deu alguns esclarecimentos. Mas o mesmo estava tão eufórico quando dava suas respostas, que até me deu a impressão que tudo estava se beneficiando. Creio, também, que essas perguntas foram selecionadas pelo SNI, pois se não fosse assim, o mesmo não iria em cadeia nacional. Por que os organizadores não fazem um debate, ao invés de uma discussão entre si? Certo em ser atendido em seus propósitos, antecipo meus agradecimentos, com elevada estima e consideração". (Wilson Dias de Camargo, Osasco, SP)

● **REPORTER** fala da situação política atual há dez meses, desde o nosso n° 0. Não é por outra razão, aliás, que o n° 5 foi apreendido. Porque você não escreve o que acha? Quem sabe a gente publica?

Sugestão Dois: estudante pobre

"Eu vou pedir a vocês que façam uma reportagem mostrando o problema do estudante pobre, o cara que senta em um banco de uma universidade paga (ou até de uma estadual ou federal) com fome, gente que não come há dias, mas que é inteligente, enquanto que outros que têm dinheiro para pagar a universidade, mas não sabe porcaria nenhuma, consegue frequentar e terminar um curso superior. Tudo isso eu vi e achei chocante". (Cenira Ventura da Silva, Rio de Janeiro, RJ)

DECLARAÇÃO

Declaro
por dever de consciência
e sob império
da revolta
que não conheci o cidadão
ALCIR DE OLIVEIRA PORCIÚNCULA
professor
da Escola Estadual (II Grau)
Antônio Raposo Tavares
de Osasco São Paulo Brasil.

Segundo essa notícia
ladra
da minha fome
e do meu sono,
morreu ele vítima de estafa
pois dera aulas demais
e não podia.

Ocorre que neste país
onde sou vivo
(segundo a Biologia)
e morto
(por decreto
do general do dia)
continuo a depor
e a declarar
por ser meu dever
que há os que não chegam à escola
sendo gente
e os que morrem de ensinar
além da conta.

Assim morreu
o professor de Osasco:
de estafa de lecionar
no país dos cansados de saber
que a escola de todos
é pra poucos
e que há algo de heroicamente doido
no magistério do país dos que não sabem.

Declaro, finalmente
torturado
pela dor de entender
do que morremos e morremos
que o professor paulista
estava louco?
da lucidez dos puros
(e dos poucos)
que sonham de noite
com a Aurora.

Glênio Peres, vereador de Porto Alegre, cassado.

CANDIDATO—OPERÁRIO

GANHA OS Cr\$ 10 MIL

REPORTER n.º 9 publicou
uma matéria com Aurélio
Peres, candidato a deputado
federal que não tinha Cr\$10
mil para se inscrever no
partido, o MDB. Cristian
Hansen, também entrevistado
nessa edição (fez a denúncia
da IBM) leu a entrevista e deu
o dinheiro a Aurélio. O can-
didato escreveu uma carta
agradecendo:

"Ao amigo Cristian Hansen.
Recebemos vossa ajuda e
nesta hora de dificuldades
muito contribui. São atitudes
como essas que mostram os
verdadeiros democratas. Se a
classe operária não tem seus
representantes é porque,
entre as muitas dificuldades

que aparecem, a econômica
tem um grande peso. Enquanto
candidatos da
Arena têm Cr\$25 milhões para
gastar, o operário não pode
sequer pagar a inscrição. E o
que dizer da propaganda?
Seria muito mais simples se
pudesse usar o rádio e a
televisão, mas a Lei Falcão
impede, favorecendo, assim,
somente quem tem dinheiro.
Mas ainda existem pessoas
que compreendem estas
dificuldades e se colocam à
disposição. Oxalá existam
muitos outros Cristian que
saíam em ajuda aos candi-
datos populares.

Nosso muito obrigado
Cristian. Aurélio"

Aborto foi bom mas ainda tem tópicos

Sobre o tema Legalização
do Aborto x Menores
Abandonados, gostaria de
abordar alguns tópicos, uma
vez que, apesar das excelen-
tes coberturas e réplicas pu-
blicadas, estes me parecem
ainda pouco esclarecidos.

1) O que produz o menor
abandonado?

É um engano, no mínimo
mal intencionado, acreditar-se
que estes são frutos de um
número aumentado de filhos
em famílias tornadas pobres
pelo grande número de bocas
a alimentar. Ao contrário, a
miséria (produto da superex-
ploração) é que obriga ao ca-
sal ter um número maior de
filhos! Pode parecer estranho,
mas nós devemos nos lembrar
que os pobres não têm
empregadas domésticas e,
como na maioria das vezes
fica em casa apenas um
reduzido número de horas,
alguém precisa cuidar da
jornada doméstica do trabalho
que é absorvida, na classe
média pela mulher (mesmo a
que trabalha fora) e nas
classes abastadas por
empregados (ou subem-
pregados). É importante
lembrar que essas crianças
não vão à escola (menos
despesas), vestem-se de
doações, se viram pra comer
e ainda conseguem, às vezes,
alguma graninha por fora. Em
nossa sociedade de explo-
ração, o oprimido tende a
absorver a imagem do
opressor e, assim, temos
mulher e filhos como ver-
dadeiros proletários dos
proletários. Tal situação pode

se resolver com a fuga dos
filhos para situação de menor
exploração (cooperativas de
subproletários, atualmente
chamados bandos de pivetes)
ou com o rompimento da frágil
estrutura familiar.

2) O aborto evitaria isso,
uma vez que não se produziria
mais subproletários?

Não, se nós atentarmos
para o fato de que os filhos,
por serem eventual fonte de
renda ou eventual segurança
para a velhice, nas famílias
oprimidas não apenas con-
sentidos ou tolerados, mas
desejados. Além disso, em
nosso país, teriam sido neces-
sários, pelos menos, cinco
milhões de abortos nos
últimos 15 anos, o que não
parece ter sido conseguido
em nenhum país onde o
aborto seja legal. É importante
lembrar que se poderia cortar
o mal pela raiz com uma
estrutura científica (socialista)
da sociedade.

3) O aborto, uma vez le-
galizado, teria menos riscos?

Teria, se em nosso país
existissem órgãos públicos
encarregados de que se
cumpram as leis. Porém, a lei
é cumprida? A legislação tra-
balhista é cumprida? A cons-
tituição, que nos assegura
eleger nossos governantes é
cumprida? A indústria médica
e farmacêutica cumpre a
legislação?

4) É lógico que existem
outras razões que podem
levar um casal a praticar o
aborto. Nestes casos, a lega-
lização facilitaria as coisas
pra pequena burguesia, mas

as classes oprimidas não têm
sequer INPS (muitos adultos
nunca foram ao menos regis-
trados ao nascerem), quanto
mais grana pra clínica par-
ticular em Botafogo!

5) Lembremos que Menor
(e maior) Abandonado
(oprimido, explorado) é um
problema ECONÔMICO E
POLÍTICO! Exige, portanto,
uma solução econômica e
política! Senão, a gente cai no
mesmo erro do almirante Faria
Lima, interventor imposto ao
Rio de Janeiro, que declarou
que as escolas no Estado são
em número suficiente.

Os pobres é que têm mui-
tos filhos!

6) É claro que se deve
atacar os pontos visíveis do
problema, com uma estrutura
de assistência eficaz, mas isso
deve ser concomitante ao
ataque à causa do problema,
que é a estrutura piramidal de
nossa sociedade, com tão
poucos em cima esmagando
tantos na base! Não vamos
botar lenha na fogueira da
Bemfam! Não se acaba com a
pobreza acabando-se com os
pobres! Enquanto eles forem
necessários para manter a
opulência, o fausto e o des-
perdício das classes dominan-
tes, eles existirão em número
sempre maior!

Apenas como sugestão,
vocês não acham que seria
melhor, ao invés de tornar
extermínio preventivo dos
pobres legal, tornar ILEGAL A
EXPLORAÇÃO DO HOMEM
PELO HOMEM?" (Luiz
Miguez, Rio de Janeiro, RJ)

QUE PAÍS É ESTE?

que país é este aonde se diz
que o futuro a Deus pertence?
cheio de modelos milagres
e de homens-biônicos!
que país é este meus senhores?
aonde se diz que é preciso
valorizar o diálogo de gabinete
onde um ai-cinco perambula imponente
pela cabeça de cada um de nós.
que país é este?
aonde inteligência significa
saber usar o banheiro
e mostrar um sorriso mais branco
onde tudo é relativo e duvidoso e a
democracia tem o gosto de calcigenol irradiado.
que país é este meu Deus?!
aonde o povo assiste telenovela
enquanto se tomam as decisões
sem consultas prévias, pois de prévia mesmo
só existe a censura onisciente

não
este não é o país feito por nós
esse país — minha gente! — é ficção.

J.L. Rocha — Teresina (PI)



MATERIAL FOTOGRAFICO

Em Fortaleza, tudo
de fotografia (a
manutenção do seu
equipamento) é na
"DP — Assistência
Técnica, Cine-foto,"
com o Durival Prata.
Rua Pedro I, 233/204
Tel.: 226-6875



SINAL DE ALERTA

FÁBRICA DA TV É REAL, POLUI E MATA

É uma fábrica grande, ocupa todo um quarteirão de Veleiros, perto do autódromo na chamada periferia da capital paulista.

Trabalham 500 operários, muito poucos sindicalizados. O Sindicato dos Químicos diz que a fábrica não deixa o sindicato entrar lá, dificulta o máximo.

O sindicato já recebeu reclamações de empregados dessa fábrica, mas nunca descobriu o que de certo se passa na Ceralit. Sabe apenas que a fábrica despede qualquer empregado com indício de doença e de três em três meses os operários fazem exame médico.

Um operário antigo contou que, dez anos depois de trabalhar com chumbo, sente dores de cabeça mas quando passa mal vai no Sesi — Serviço Social da Indústria — onde o médico receita uns comprimidos brancos que não se encontra em nenhum outro lugar, nenhuma farmácia.

A fábrica ficou marcada por uma passeata feita pelos vizinhos, há um ano, cansados de doenças. Passado esse tempo, os vizinhos da fábrica dizem que a poluição continua a mesma, como as doenças.

A fábrica recebe a imprensa representada pelo advogado e engenheiro químico Geraldo Ferreira. Ele garante que os filtros contra poluição estão instalados, mas não quer mostrá-los. Diz que os vizinhos reclamam "para valorizar suas casas" ou que "poluição hoje é problema da moda, é um assunto que vende jornal". Mas confessa:

— Quando a caldeira liga, automaticamente, sai uma fumaça preta — um ou dois segundos.

Há 16 anos a Ceralit se instalou para produzir cera, tintas, plástico PVC. Chumbo, ácidos, sais, são usados na fabricação. Os vizinhos também acusam a presença de um produto proibido, o agente laranja. (Usado pelos Estados Unidos na guerra do Vietnã.)

Ana Valtrudes Scharrenbreich, mora em frente à fábrica, na melhor casa do quarteirão. De sua casa vê um páteo da Ceralit cheio de tambores que contêm, diz ela, o perigoso agente químico:

— Por um código internacional, o agente laranja tem que usar em tambores verdes com faixa alaranjada, que era como faziam aqui na Ceralit, antes. Depois do barulho todo, passaram a tirar a faixa do tambor e pintar a tampa. E os tambores agora só saem pelos fundos.

Ana Valtrudes, alemã rija, é considerada por todos a mais combativa das inimigas da Ceralit, tendo por isso sofrido acusações e até possíveis atentados:

— Quando eu comecei a abrir a boca o pessoal daqui dizia: "pelo amor de

**ADULTOS PERDEM A VOZ — CRIANÇAS
NÃO TÊM FOME — MANCHAS NO CORPO
— CÓLICAS ATACAM TODO MUNDO —
MORTES NÃO TÊM UMA EXPLICAÇÃO**



Dona Ana é a maior inimiga da fumaça da Ceralit

REPORTER

UM JORNAL ONDE SÓ PINTA SUJEIRA

Deus, eles vão te matar." E de fato aconteceram coisas estranhas. Um dia quase fui atropelada por um caminhão deles. E outro dia um caminhão deles despencou da ladeira e veio bater na parede da casa. Quando foi no começo da campanha andavam uns caras de boné e casaco preto e diziam que eu era comunista. E até o doutor Nelson Nefussi, da Cetesb, me perguntou se eu era comunista. Eu disse: desde quando defender o direito de viver e respirar é ser comunista?

A Cetesb, órgão do Estado para controlar o meio-ambiente é muito atacada por dona Ana:

— Quando o pessoal daqui vê por acaso alguém da Cetesb já pergunta: como é, veio apreciar a paisagem ou veio receber seu cachê da Ceralit?

Até dinheiro foi usado para calar dona Ana:

— O dono da Ceralit mandou uma pessoa me perguntar quanto eu queria para calar a boca. E eu mandei dizer que dinheiro nenhum pagava a saúde do pessoal todo.

Casos de doença e de morte dona Ana contou ao escritor Dias Gomes, cuja novela *Sinal de Alerta* se baseia nos fatos havidos em Veleiros:

— Aqui morrem muitas pessoas de repente. O diagnóstico é derrame. Mas eu sei que com derrame a pessoa

tem paralisia parcial, o que não acontece aqui. E está todo mundo sempre doente. Meu marido foi internado duas vezes e eu, uma. Um vizinho está com a perna cheia de manchas vermelhas. Eu também. Um médico cardiovascular disse que são veias que estouram "e a sorte de vocês é que não estouram no cérebro!"

As ruas próximas à Ceralit têm nomes de praias: rua Copacabana, rua Ipanema, rua Leblon, rua Guarujá. São ruas pacatas, largas e asfaltadas. Além dos sobrados confortáveis misturados a casas modestas há um ou outro terreno baldio, um depósito de ferro-felho.

Diamantino, português de 40 anos, dono do depósito:

— Poluição e fumaça aqui é todo dia. Eu cá acho que todo o movimento que fizeram não deu resultado nenhum. Onde está o dinheiro, reclamação não adianta. E eles trabalham para o governo, ninguém vai fechar a fábrica não. E vai poluindo. Têm vezes que solta ácido, é ácido sulfúrico. Aí dói a cabeça e os olhos. E tem mais a fumaça preta também. A fumaça tem muito cisco. Me dói a cabeça de vez em quando, me dá tontura.

Dona Assunção mora vizinha ao depósito:

— As crianças às vezes acordam amarelas, não comem, ficam pálidas. Dá essas manchas brancas na pele, olha no braço. Tem dia que o cheiro parece de bacalhau. Quando é cheiro de borracha queimada me dá uma cólica no fígado! E furúnculo. Minha filha tem uns quinze furúnculos, e não é só ela, é todo mundo por aqui. E a poluição tá pegando Veleiros todo. Tenho uma tia que mora do lado de lá e diz que é a mesma coisa.

Dona Antônio é uma mulher decidida:

— Primeiro o cheiro vinha até na cama e tinha que cobrir a cabeça pra poder respirar. E eu brigo com o meu marido porque pra ter um cheiro mais suportável só fechando muito bem todas as portas e janelas e forrar com pano grosso todas as frestas e ralos. Meu marido só consegue dormir de janela aberta, então é aquela briga toda noite.

A doença de dona Antônio é nos olhos:

— De quê eu tô lacrimejando o tempo todo? Outro dia recolhemos um pouco de um pó que usam na Ceralit e mandamos fazer o exame pra ver o que dava. E deu isso: "composto de chumbo, apresentando também os efeitos tóxicos específicos do chumbo." A dona Maria, terceira porta ao lado, quase morreu esses dias.

Dona Maria, já refeita, conta:

— Olha, o corpo ficou todo vermelho — agora ainda estou com o pescoço vermelho e coça e dói. Meu Deus, como dói.

O resultado do exame aponta as doenças que a população sofre: problemas renais, sangüíneos, no fígado e até no cérebro.

Depois dos protestos do ano passado, diz dona Ana Valtrudes, a fábrica passou a soltar a fumaça só à noite, pra ninguém ver:

— Isso começou quando veio a Cetesb. Mas agora a Cetesb nem vem mais. E durante a madrugada eles usam um produto que não sei o que é mas isso aqui vira uma verdadeira caldeira do diabo. A poluição fecha a garganta, é uns cogumelos que dá. De manhã a gente acorda sem voz.

Dona Ana conta os mortos da vizinhança:

— Ali no 116, a mãe da moça morreu de paralisia nos rins. Um senhor que morava num córrego onde a Ceralit despeja restos morreu sufocado. Foi a Ceralit até que o internou e pagou todas as despesas de hospital. Uma empregada que trabalhou comigo teve casal de gêmeos. O médico perguntou se ela tinha tomado inseticida porque ninguém aguentava o cheiro na hora do parto. As crianças nasceram vivas, mas morreram. E demorou um mês pra sair a autópsia. A mãe nunca viu as crianças mortas. E a autópsia deu "causa indeterminada".

Raquel Moreno

Foto Jesus Carlos